PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

NEI DE OLIVEIRA PRETO

Algumas características da Pastoral Urbana à luz da Teologia da Cidade diante das Exigências atuais da Evangelização

SÃO PAULO
2005

PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

NEI DE OLIVEIRA PRETO

Algumas características da Pastoral Urbana à luz da Teologia da Cidade diante das Exigências atuais da Evangelização

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA: ÁREA PRÁTICA
LINHA DE PESQUISA: DESAFIOS DA MODERNIDADE À PASTORAL
Orientador Prof. Mons. Dr. Sérgio Conrado

SÃO PAULO

2005

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Capítulo I – Cidade, homem e cultura 12

1. O próprio da cidade 13

1.1. Cidade e as revoluções da humanidade.....13

1.2. Cidade antiga e cidade moderna 14

1.3. Cidade e o ser humano 15

1.4. Cidade e economia 15

1.5. Cidade e política 15

1.6. O paradoxo da cidade.....16

1.7. Cidade e campo..... 16

1.8. Cidade e liberdade.....17

1.9. Habitar e trabalhar.....17

2. Urbanização e o homem 19

2.1. Cidade, prisioneira do seu passado.....19

2.2. Em todo plano de urbanização há uma idéia de homem.....20

2.3. Homem urbano 21

2.4. Pluralismo religioso.....22

Capítulo II – Teologia da Cidade 33

1. A dialética da Teologia da Cidade no Antigo Testamento.....34

1.1. A negação: Israel e sua vocação.....34

1.1.1. Abraão 34

1.1.2. Moisés 35

1.1.3. Os pecados das cidades (Babilônia e as cidades da antiguidade) 36

1.1.4. O equívoco de Jerusalém 37

1.1.5. Os pecados de Jerusalém 37

1.2. A afirmação: a cidade pagã 39

1.2.1. As cidades do Egito e da Mesopotâmia 39

1.2.2. As idolatrias das cidades pagãs.....40

1.2.3. A dialética da comunhão 41

1.2.4. A intervenção de Deus frente a presunção humana 42

1.3. A superação da dialética no Antigo Testamento 43

2. A dialética da Teologia da Cidade no Novo Testamento 44

2.1. Jesus, o princípio reconciliador da comunhão humana 45

2.2. Os mesmos homens pertencem à Cidade e à Igreja 46

2.3. A evolução dialética Igreja-Cidade 47

2.4. O advento da Nova Jerusalém 48

3. O fim da dialética – a Nova Jerusalém 49
3.1. Reconciliação 49
3.1.1. A cidade escatológica é Deus habitando entre os homens 49
3.1.2. A cidade será habitação da Trindade.....50
3.1.3. A cidade é o povo.....51
3.1.4. Pluralidade na gratuidade.....52
3.2. Laico e democrático 53
3.2.2. A cidade sem templo.....53
3.2.3. A cidade sem domínio 53

Capítulo III – Pastoral Urbana 55
1. Evangelizar a pessoa 57
1.1. Cristo mediador e plenitude de toda revelação 57
1.2. Atendimento personalizado e pastoral da acolhida.....58
1.3. Ir ao encontro 59
1.4.Formação de agentes 59
1.5.Os mais pobres e excluídos 60
1.6.As exigências intrínsecas da evangelização 60
1.7.Os meios de comunicação 61
1.8.Juventude 61
2. Rede de comunicação 62
2.1.Comunhão humana na comunhão divina 63
2.2.Novas estruturas eclesiais 63
2.3.Inculturação 64
2.4.Formação 65
2.5.Pluralidade de espaços e formas de evangelização 65
2.6.Rede de comunicação 66

2.7.Centros de Evangelização 67
2.8.Pastoral de conjunto e o novo ministério presbiteral 67
2.9.Pluralismo religioso 69
3. Presença pública da Igreja 70
3.1. A Pastoral Urbana nos meios de comunicação 70
3.2. A Igreja e as megalópoles 70
3.3. Nova cultura 71

Conclusão

INTRODUÇÃO

Esta dissertação traz como título: “Algumas características da Pastoral Urbana à luz da Teologia da Cidade diante das Exigências atuais da Evangelização”. O objeto material é a TEOLOGIA DA CIDADE, apresentada no livro que contém este mesmo título.[1] O objeto formal será a interação entre a CIDADE e a IGREJA (evangelização), atuais.

O projeto contém três núcleos (capítulos) de pesquisa: Capítulo I – CIDADE, HOMEM E CULTURA; Capítulo II – TEOLOGIA DA CIDADE e Capítulo III – PASTORAL URBANA. O primeiro capítulo possui três partes: a Cidade, o Homem e a Cultura. O que é cidade atual, em seu sentido próprio, concreto; qual a relação do homem com a urbanização e o pluralismo religioso; por fim, a cultura urbana, com suas características na modernidade e pós-modernidade. O segundo capítulo contém a Teologia da Cidade: a dialética da cidade no Antigo Testamento; a dialética da cidade Novo Testamento e a superação da dialética da cidade do Apocalipse de São João. O terceiro capítulo traz a Pastoral Urbana: a valorização da pessoa; as novas estruturas de evangelização e a dinâmica da Igreja na cidade.

Na observação dos grandes desafios urbanos atuais e das dificuldades da evangelização frente insensibilidade antropológica e cultural das pastorais da Igreja surgiu a motivação de elaborar esse texto, que trabalha os conceitos de Cidade, numa perspectiva antropológica e cultural, a Teologia da Cidade na citada obra de J. Comblin e algumas características da Pastoral Urbana, à luz dos conceitos acima citados e de alguns documentos da Igreja referentes ao assunto.

Essa dissertação fundamenta-se numa pesquisa bibliográfica, com método conceitual indutivo. Pois, são apresentados conceitos fundamentais da Teologia da Cidade e da Cidade em seu sentido próprio, atual, constituindo a base dessa pesquisa, e que numa dialética aponta algumas características da Pastoral Urbana.

---

[1] Cf. COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991.

Foi realizada uma leitura do primeiro capítulo da obra "Teologia da Cidade" de José Comblin. Ele apresenta neste capítulo a Teologia da Cidade numa dialética histórica evolutiva. O enfoque da leitura desta obra observa a mesma Teologia da Cidade, porém, ordenando-a num eixo bíblico de forma que se possa ter a Teologia da Cidade do Antigo Testamento, do Novo Testamento e o advento da Nova Jerusalém.

Tendo reestruturado esse objeto material como fundamento teológico da pesquisa, o trabalho volta-se para o objeto formal do trabalho, isto é, para o conceito de Cidade em seu próprio sentido, enfocando os aspectos **antropológico e cultural**: homem como corpo e idéias, construtor de cidades, e sua a cultura moderna, como vida urbana, complexa e plural. Isso será o objeto formal da investigação. Pois, à luz da Teologia da cidade encontrou-se a prioridade de compreender a cidade em sua antropologia e sua cultura, as quais revelam que por detrás de toda cidade está uma idéia de homem e de suas expressões culturais. A partir desses conceitos foram elaboradas algumas características da Pastoral Urbana.

O objetivo deste trabalho é desenvolver algumas características da PASTORAL URBANA. Ela deverá fazer com que a Igreja participe do movimento para a liberdade que é a alma da cidade. A pastoral deverá promover uma Igreja mais livre, uma fé mais livre e os cristãos mais livres na sua fé e na sua atuação. A pastoral deverá promover instituições eclesiais que saibam valorizar os bens urbanos e agir em concordância com eles. Em lugar de pressionar os habitantes da cidade para que participem da Igreja, precisamos tornar a Igreja mais acessível aos habitantes da cidade, para que eles encontrem nela uma mensagem que concorde com os valores humanos. Pois, a pastoral nunca produz fé, mas apenas tem a finalidade de facilitar o acesso à fé por uma apresentação mais atraente dela[2].

Para isso buscar-se-á conhecer a CIDADE E A TEOLOGIA DA CIDADE. A compreensão da cidade será definida: por ela mesma, por sua antropologia e sua cultura. O trabalho não visa tanto às estatísticas de crescimento populacional urbano, de violência ou níveis sociais, nem carências habitacionais, saúde, educação. Mas, a cidade, em seu sentido próprio, naquilo que ela se relaciona com o homem e sua cultura. Um enfoque antropológico-cultural.

Para o homem urbano da pós-modernidade: "O absoluto é sentir-se bem, sentir-se em harmonia com o próprio corpo, com a mente, com os outros, com o mundo em geral. Nesse

[2] Cf. COMBLIN, J. *Comunidades Eclesiais e Pastoral Urbana*. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis: Vozes, vol. 30, p. 783-828, dez., 1970.

sentido a felicidade é um valor absoluto, uma felicidade profundamente corporal. O mais profundo da ruptura com a modernidade foi e ainda é a afirmação do corpo sobre a mente, do reino do corpo contra o reino das idéias, das abstrações, das teorias[3]".

No âmbito da cultura pode-se afirmar que: "A maioria dos problemas gerados pela cidade procede mais da nova cultura ocidental do que da estrutura da cidade. As cidades variam muito na história, e os problemas atuais das cidades são, em primeiro lugar, os problemas nascidos na nova cultura. Essa cultura se identifica, de certo modo, com a vida urbana atual, sobretudo nas grandes cidades. Mais do que um problema de oposição campo-cidade encontramos um problema de oposição cultura antiga-cultura atual".[4]

Numa cultura em que se prioriza o bem estar corporal e o individualismo, que a própria pessoa determina os valores éticos, sem levar em conta princípios universais, que a religião é buscada como uma resposta às necessidades imediatas é possível elaborar algumas características da Pastoral Urbana.

Para isso é preciso compreender a realidade do homem urbano com toda sua complexidade sem perder sua identidade, pesquisar sua a antropologia e a nova-cultura; ter como referência a Teologia da Cidade como comunhão com Deus e colaboração humana; apontando o resultado das dinâmicas eclesiais no seu relacionamento com a cidade.

Na perspectiva teológica "o problema da cidade parece ser o da comunhão humana".[5] Dentre todas as formas de comunhão há uma que atrai mais atenção na Bíblia: a cidade. Por muito tempo as cidades serviram de bases para conquistas da humanidade. Hoje, está finalidade praticamente não existe mais. Por isso, a cidade poderá preocupar-se com um problema que é próprio de sua natureza: a comunhão humana, isto é, como relacionar os corpos dos homens de forma que a humanidade possa desenvolver-se a partir da sua comunhão?

Os cristãos devem estar nas cidades para transformá-las, libertá-las de seus pecados, para adaptá-la à verdadeira comunidade humana. "Nisso consiste a dialética interior de cada cristão: aproximar-se da vida urbana o bastante para convertê-la e afastar-se também o bastante para não ser convertido por ela".[6]

Será preciso conhecer a Teologia da Cidade. É principalmente por falta de uma compreensão da Teologia da Cidade que não efetiva a Pastoral Urbana. Faz-se necessário obter um conhecimento atualizado sobre o que a Bíblia diz sobre a cidade, para realizar as

---

[3] COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 37.
[4] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 31.
[5] Ib. p. 37.
[6] Ib. p. 60.

mudanças da estrutura da Igreja nas cidades. A Igreja ainda não conseguiu efetivar a Pastoral Urbana, embora haja iniciativas nesta perspectiva, elas são incipientes e realizadas por uma pequena parcela de pessoas ou grupos.

Os desafios atuais são gigantescos. As cidades atuais estão num processo constante de construção e crescimento populacional, como nunca, a partir da revolução industrial a população das grandes cidades revelam estatísticas assustadoras, é a urbanização. E, o grande construtor das cidades é o homem, por detrás de toda concepção de cidade está a idéia de homem, que cria culturas, e que também as sobrepõe sobre outros povos.

Para que a vida seja humana deve ser construída sobre a imagem real, verídica do homem. No que concerne à cidade, é preciso partir de um dado de base que é o corpo do homem. "O homem é corpo, e é corpo diferente do de outros animais em suas necessidades e funções".[7] Por exemplo, a experiência mostra que é normal ao homem suportar um deslocamento de 30 minutos para ir e voltar ao seu trabalho. Quanto tempo e como é feito este transporte nas atuais megalópoles?

Desses desafios próprios das cidades e dos homens, decorrem os desafios da cultura e dentro dela está a religião, com uma estrutura eclesial inadequada para o mundo urbano.

Será necessário conhecer a cidade para amá-la, pois, as cidades são o futuro da humanidade, a salvação da humanidade, elas existem para a humanidade, para a comunhão humana, na cidade o homem existe para o que é o próprio seu, a colaboração. Isso contrapõe em muito as atuais realidades urbanas, feitas de contradições entre riqueza e pobreza, miséria e acúmulo, violência e abuso de poder, guerra e autoritarismo, erudição e massificação.

A Cidade em sua dinâmica, em sua complexidade, em sua relação com o homem e com a cultura moderna e pós-moderna carecerá de uma autêntica Pastoral Urbana; a Teologia da Cidade numa dialética evolutiva partindo do livro do Gênesis (torre de Babel) até o Apocalipse de São João (nova Jerusalém) conduzirá à Pastoral Urbana. Olhar a cidade é ver o futuro da humanidade; estudar a Teologia da Cidade é compreender o sentido humano da comunhão e da colaboração com o Criador e com os homens; quando cria a Pastoral Urbana, vive-se a dignidade da pessoa num pluralismo cultural.

---

[7] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 127.

CAPÍTULO I – CIDADE, HOMEM E CULTURA

Este capítulo contém três partes e serão apresentadas numa dinâmica de interação própria do assunto a ser tratado. Será objeto de estudo a cidade, na delimitação do seu conceito, de sua antropologia e de sua cultura, assim estruturado: 1) a cidade, em seu sentido próprio atual; 2) aspectos antropológicos da urbanização e da religiosidade na pós-modernidade; 3) os problemas da "nova cultura[8]" e o pluralismo cultural.

A busca de uma compreensão do dinamismo e da complexidade da cidade atual; o ser humano como responsável pelo fenômeno da urbanização e o seu retorno ao sagrado; os problemas advindos da "nova cultura" conduzirão a afirmação da cidade naquilo que ela é.

A falência e o fascínio das grandes metrópoles, as novas formas de escravidão e a liberdade, a massificação e o pluralismo cultural. São os paradoxos que motivarão a construção teológica de algumas características da pastoral urbana.

Essa motivação levará à revisão da estrutura eclesiástica que ainda pouco conheceu o dinamismo da cidade e da evangelização na cidade, permanece nos métodos rurais, para isso a Igreja precisa conhecer a Cidade, não como detalhe da evangelização, mas como realidade, e a Teologia da Cidade, como orientadora da Pastoral Urbana. As ciências, inclusive a Teologia, revelam que a cidade será a salvação da humanidade, que o ser humano existe para a comunhão e a colaboração em Deus, e que as culturas em si são a riqueza da humanidade.

[8] Cf. COMBLIN, J. *Os desafios da cidade do século XXI.* São Paulo: Paulus, 2002, p. 31.

1. O PRÓPRIO DA CIDADE

Na primeira parte deste capítulo serão observados alguns aspectos relevantes da cidade em seu sentido próprio, em seu conceito atual: será preciso saber que a cidade está relacionada com as grandes revoluções da humanidade; está numa dinâmica de construção permanente e qualitativa (das muralhas à globalização); é a própria convivência humana (o agente de pastoral precisa amar a cidade para amar os seres humanos); estrutura-se por sua economia, política, ciência, cultura e religião.

Ao observar as cidades será preciso detectar seus paradoxos e suas complexidades; suas estruturas e seus movimentos; sua concepção de liberdade, suas distinções do campo; suas histórias, arqueologias, arquiteturas e escritas; suas considerações sobre o privado e o público; seus trabalhos e suas moradias. Tendo sempre presente a determinação da economia: "as cidades são projetadas em função dos ricos e poderosos"[9]; da política (poder público e massa despolitizada); da cultura (moderna, racional, branca, ocidental).

Observar a cidade em seu sentido próprio faz parte de uma dialética ampla que deverá evoluir passando pela Teologia da Cidade chegando a oferecer pistas a uma prática Pastoral Urbana.

1.1. Cidade e as revoluções da humanidade

"A cidade é uma teia de aranha tanto no seu interior como nas suas conexões com outras cidades. Simboliza a grande obra construtora do ser humano, revelando sua verdadeira natureza social. Quando o ser humano deixa a sua vida nômade de coletor e caçador, já não conseguindo superar as limitações da natureza, sedentariza-se, construindo cidades. Temos já notícias de sua existência 4 mil anos antes da era cristã. É a luta entre urbano e rural, cultura e natureza, obra do homem (cidade) e criação de Deus (natureza)"[10].

[9] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 121.
[10] LIBANIO, J.B. *As lógicas da cidade.* São Paulo: Loyola, 2001, p. 27.

As cidades são realidades imensamente complexas que estão nas origens das grandes revoluções da humanidade. “Após um milhão de anos de andanças o homem chega à escolha crucial: abandonar o nomadismo e tornar-se aldeão”[11]. É a revolução agrícola, provocada pelo sedentarismo. Depois, com a revolução das ciências ocorreu também a revolução tecnológica, fazendo com que se passasse de uma produção à base da força humana e animal para a crescente importância da máquina. Isso possibilitou a revolução industrial, e atualmente a revolução da microeletrônica ou pós-industrial.

Essas revoluções, causadas pelas ciências, são responsáveis pela concepção de cidades que construímos hoje: desde a agricultura de aldeia, monocêntrica, com fazendeiro, colonos, plantações e capela até a cultura moderna e pós-moderna, pluriespacial, marcada por um projeto emancipador, científico-tecnológico e experiencial existencial determinante da qualidade e da natureza do todo o espaço.

“Difunde-se pouco a pouco uma sociedade tipo industrial, conduzindo algumas nações à riqueza econômica e transformando profundamente as concepções e condições de vida social, estabelecidas desde séculos. Cresce paralelamente a civilização urbana, não só pela multiplicação das cidades e de seus habitantes, mas também pela expansão do modo de vida urbana às zonas rurais”[12].

A cidade é uma forma de escrita. Na grande construção feita de milhares de tijolos surge uma nova relação entre o homem e a natureza mediada pelo racional e pelo abstrato. Há um paralelismo entre as definições das formas geométricas e a elaboração de textos escritos. A cidade e a escrita são evoluções do homem que fixa memória e não somente lembranças.

1.2. Cidade antiga e cidade moderna

Ao contrário da cidade antiga, fechada com muralhas e vigiada, a cidade contemporânea, caracterizada pela velocidade e circulação, estendendo-se ao infinito com fluxos de mercadorias, pessoas e capital em ritmo cada vez mais acelerado. Por isso, a cidade é transformação continua da concepção de ocupação de espaços. O próprio espaço urbano revela sua história com sua arquitetura sempre em construção, dispondo-se na organização da moradia e do trabalho, próprios dos seres humanos.

---

[11] BRONOWSKI, J. *A escalada do homem*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Editora da UnB, 1979, p. 60.
[12] CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* . Constituição Pastoral. Petrópolis: Vozes, 1965, 6.

1.3. Cidade e o ser humano

Cidade é a própria convivência humana, é a condição do ser humano sociável. É a pluralidade cultural, o lazer, as opções de escolha, o exercício da cidadania, é a produção e o usufruir a tecnologia, os meios de comunicação, é o habitar, a família, os amigos, a comunidade.

"A cidade é continente de experiências humanas e também um registro, uma escrita, uma materialização da própria história"[13]. A cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza: sobre montanhas, rios e pedras se implanta uma segunda natureza, manufaturada, fruto da imaginação e do trabalho articulado de muitos homens.

1.4. Cidade e economia

A memória existente na arquitetura e na escrita revela características econômicas e sociais da cidade. Isso pode ser observado em alguns sítios arqueológicos, ou até mesmo em cidades históricas, frutos do excedente da produção humana, apropriados por uma classe dominante. Por isso, que as cidades atuais são um paradoxo, quanto maiores as cidades, maiores são os contrates econômicos e sociais. É o paradoxo da riqueza e da miséria, dos dominantes e dominados.

1.5. Cidade e política

Construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Numa cidade nunca se está só, desde os terminais de ônibus, os mercados, as fábricas, as empresas, os conjuntos habitacionais, o homem está sempre num fluxo que exige uma gestão. Há um lixo que não se pode acumular, há uma escola a construir, é a vida pública que precisa ser organizada. Isso implica em poder urbano, autoridade público-administrativa.

O morador da cidade está ao mesmo tempo protegido e compelido por sua organização. "A origem da cidade se confunde com a origem do binômio diferenciação racial/ centralização do poder"[14]. Em diferentes formas ao longo da história as cidades são estruturas políticas por natureza: "a cidade significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política". Desde a *polis* (no espaço da agora) grega e a *civitas* (cidadela) romana até Nova Iorque e São Paulo, todas são passíveis de uma interrogação: por força das possibilidades democráticas existiu um poder urbano descentralizado? Sem a necessidade de estruturas fortemente hierarquizadas?

---

[13] ROLNIK, R. *O que é cidade.* Brasília: Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1988, p. 9.
[14] Ib. p. 21.

1.6. O paradoxo da cidade

A cidade é um paradoxo. Pois, ao mesmo tempo em que se está livre do tradicionalismo familiar, da vigilância dos vizinhos, dos padrões culturais de comportamento, caracterizados pelo mundo rural, defronta-se com a competitividade da luta pela sobrevivência, com o individualismo, com o anonimato, com a solidão, com a violência da cidade, com a perda das raízes culturais, com a ausência de paradigmas éticos.

"O espaço urbano consegue o paradoxo de gerar a solidão no meio da multidão. Alguém pode caminhar horas pelas ruas apinhadas das cidades e não encontrar realmente com ninguém. Nenhum gesto de cordialidade, de acolhida, de relação pessoal. É um frenético circular humano"[15].

1.7. Cidade e campo

O mundo rural é parado. Não muda nem sente necessidade de mudar.A pessoa, no mundo rural, está bem mais identificada e não tem muitas possibilidades de freqüentar outros grupos. Na cidade todos querem progredir. Querem melhorar. Trabalham para melhorar. A cidade vive de novidades, precisa mudar sempre. Está sempre em obras. "A cidade reforça a autonomia da pessoa em relação aos grupos naturais, à família, à vizinhança, ao clã, à raça, à religião, à etnia"[16].

> Ao afluir para as cidades, os camponeses se libertavam do regime de servidão, não mais se submetendo ao vínculo com a terra e com o senhor que lhes roubava o trabalho, a comida e o tempo. Assim, para o servo, ir para a cidade, mesmo que não representasse necessariamente felicidade, saúde ou prosperidade, significava concretamente uma libertação. Solto das amarras que o prendiam ao senhor feudal, o servo perdia também o acesso à terra e portanto à subsistência – o que lhe conferia a dupla condição de livre despossuído[17].

"Na cidade posso pensar o que quero, posso seguir os costumes ou não segui-los, posso conversar com qualquer pessoa, posso pecar sem ser excomungado pela sociedade. Na cidade não há fiscalização permanente"[18].

Cidade é diversidade de pessoas, de idéias, religiões, culturas, modos de viver, profissões, atividades, projetos, partidos, grupos. No campo a cultura era homogênea, a religião era o centro da cultura. A religião transmitia-se na família e na vizinhança com a cultura e como a cultura: os filhos adotavam os comportamentos dos pais. Nas cidades

---

[15] ROLNIK, R. *O que é cidade*. Op. cit. p. 47.
[16] COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI.* Op. cit. p. 20.
[17] ROLNIK, R. *O que é cidade.* Brasília. Op. cit., p. 35.
[18] COMBLIN, J. *Viver na cidade: pistas para a pastoral urbana*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 11.

modernas já não é assim. Não há mais garantia de transmissão da religião dos pais para os filhos.

1.8. Cidade e liberdade (o ar das cidades os faz livres)

O que leva as pessoas para a cidade é o desejo de fazer sua vida pessoalmente. No mundo rural as pessoas são feitas pelo ambiente, pelas tradições, e, sobretudo, pelas limitações materiais. No campo, as pessoas sentem-se vigiadas, fiscalizadas, julgadas, permanentemente pela família e pelos vizinhos. Na cidade, as pessoas, já não se importam com o que pensa a vizinhança. Podem escolher sua religião, a sua filiação política, o seu time de futebol, a sua roupa, o seu jeito de viver.

Nem tudo na cidade é real nesta perspectiva de liberdade, há muita ilusão. "Há uma aparente liberdade diante das modas, dos costumes, que domesticam as pessoas, as submetem aos interesses publicitários e a muitos outros fatores externos"[19].

"Pode-se neste sentido, falar de uma ilusão de salário, de liberdade, de prazer e de felicidade. A cidade representa um lugar de fantasias, sonhos e desejos com a consistência que eles têm. Está aí o fascínio da técnica e do bem estar. Acrescente-se a isso o efeito demonstração do consumismo, do hedonismo reinante. Sente-se ampliar o campo do 'possível' . Na cidade, tudo parece possível"[20].

1.9. Habitar e trabalhar

A sociedade industrial é marcada por uma consciência crescente de subjetividade. "As pessoas bafejadas pelo espírito moderno, buscam criar espaços privados e isolados. As habitações se separam do lugar de trabalho"[21]. Além disso, mora-se em bairros diferentes conforme o nível social. Bairros de empresários. Bairros populares.

Mesmo assim, há um certo senso de liberdade para as pessoas, "o sonho da casa própria". "Ter um barraco próprio, independente do mundo do trabalho, constitui fonte de orgulho e de autonomia. Afaga o senso de propriedade tão arraigado nas pessoas"[22].

Quanto maior a cidade, maior a distância entre moradia e trabalho, maior a segregação social. Porém, estranhamente há sinais de reversão no processo de separação habitação/moradia. Os serviços são feitos em casa.

---

[19] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo:Loyola, 2001, p. 37.
[20] Ib. p. 38.
[21] Ib. p. 32.
[22] Ib. p. 33.

As construções modernas dos burgueses exaltam o máximo o “respeito” à intimidade. Ao passo que na favela não se distingue o que se passa fora do barraco e no seu interior. Na pós-modernidade estes espaços são confundidos, há abusos de espaços públicos, e revelações escandalosas de espaços privados.

“O mundo urbano reforça a lógica do indivíduo, da sensação e da experiência de liberdade. Entre as grandes atrações da cidade está a percepção de que o indivíduo se liberta”[23].

[23] Ib. p. 36.

2. URBANIZAÇÃO E O HOMEM

Na segunda parte desse capítulo serão observados o que é urbanização, e sua rápida aceleração. Isto em função de poder compreender o homem como causa das cidades. Não há como estudar a urbanização sem relacioná-la com o ser humano, sem fazer um corte antropológico.

As cidades são construções humanas carregadas de histórias, ao mesmo tempo em que as cidades influenciam a vida humana, o ser humano modifica e faz das cidades constantes construções. Há uma interação constante em o homem e a urbanização. Para poder compreender as cidades atuais é preciso compreender a urbanização e o homem urbano.

O processo de urbanização iniciou-se com a revolução industrial, e a partir de 1930, está se desenvolvendo numa rapidez que o ser humano perdeu seu controle. Em breves dados estatísticos pode-se notar isso. Será que as metrópoles estão caminhando para uma falência?

Nessa mesma busca faz-se necessário observar as características do homem urbano, e suas manifestações religiosas, numa palavra, sua busca de felicidade e seu pluralismo religioso.

2.1. Cidade, prisioneira de seu passado

"Atualmente existem no mundo mais de cem cidades que passam de um milhão de habitantes, e o número das que contam 100.000 supera um milhar"[24].

"Segundo projeções da Organização das Nações Unidas, ONU, em 2015 haverá no planeta 27 megalópoles com mais de 10 milhões de habitantes. Elas são, na maioria, cidades que não têm tratamento de esgoto, coleta de lixo, hospitais, escolas e transporte público suficientes para atender sua população atual"[25].

A rápida aceleração da urbanização já estava em curso no início do século XIX. "A Inglaterra foi a primeira a fazer a revolução industrial. Foi também a primeira que conheceu a

[24] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op cit. p. 123.
[25] SIMONETTI E. *Centros de prosperidade*. **Revista Veja**. São Paulo, n. 30, julho, 1999.

feiúra, a sujeira, a insalubridade das cidades operárias"[26]. Não existia a urbanização. Somente na década de 1930 que surgiram os projetos de urbanização.

Foi no século XX que surgiram as megalópoles, com seus problemas de engarrafamento, massificação, poluição, habitação, emprego, saúde, educação. Parece haver um mito em torno das maiores cidades do mundo, esse mito funciona como um imã. A megalópole provoca fadiga, ansiedade, *stress*, envelhecimento precoce, a agitação do dia-a-dia parece insustentável para o organismo humano.

"A cidade contemporânea é, segundo, expressão sugestiva, 'cidade sem dono'. Sem dono, a cidade é entregue aos piratas. Os piratas são a especulação do solo, o carro particular e a construção de automóveis"[27]. Durante muito tempo os problemas da urbanização não buscavam suas soluções porque seria uma ameaça à sociedade privada e sinal de domínio dos poderes públicos. A planificação urbana era pensada em função dos liberais. As cidades são prisioneiras de seu passado.

A população urbana mundial passou de 67,6% em 1980 para 78,4% em 1996; a população rural diminuiu de 32,4% em 1980 para 21,6% em 1996. Hoje, mais do que nunca a cidade está em construção, milhões de pessoas se deslocam do campo para as cidades. A grande tarefa do século XX foi a construção de cidades e o fato dominante foi a migração do campo para a cidade. No início do século a terra tinha um bilhão de habitantes e 90% moravam no campo. Hoje, temos 3 bilhões de habitantes morando nas cidades, de um total de 6 bilhões, dentro de 25 anos serão 5 bilhões[28].

No Brasil quase 80% da população já está morando nas cidades; mesmo quem está trabalhando na agricultura pode estar morando na cidade e, mesmo morando no campo, seu modo de vida se parece muito com o urbano, por causa dos meios de locomoção, dos meios de comunicação e dos avanços tecnológicos. Todas as cidades estão em processo de construção, pelo menos no terceiro mundo. Por isso, a pastoral terá de acompanhar as fases da construção cidade.

2.2. Em todo plano de urbanização há uma idéia de homem

Para que a vida seja humana deve ser construída sobre a imagem real, verídica do homem. No que concerne à cidade, é preciso partir de um dado de base que é o corpo do homem. "O homem é corpo, e é corpo diferente do de outros animais em suas necessidades e

---

[26] COMBLIN, J., *Teologia da cidade*.Op cit. p. 124.
[27] Ib. p. 125.
[28] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* São Paulo: Paulinas, 1999, p. 75.

funções”[29]. Por exemplo, a experiência mostra que é normal ao homem suportar um deslocamento de 30 minutos para ir e voltar ao seu trabalho. Quanto tempo e como é feito este transporte nas atuais megalópoles?

A era industrial não respeitou o homem. Os burgueses ignoram a vida nas zonas populares só conhecem por ouvir dizer. E, hoje há para com as megalópoles um mito da maior cidade do mundo. Seu trunfo é a concentração de tudo, de riquezas e pessoas. Humanamente isso é a falência da cidade, pois, torna o indivíduo cada vez mais alheio à cidade.

2.3. Homem urbano

O homem urbano da pós-modernidade acredita que a felicidade se encontra, sobretudo, no bem-estar corporal. O absoluto é sentir-se bem, a felicidade é um bem absoluto. “...é a afirmação do corpo contra a mente, do reino do corpo contra o reino das idéias, das abstrações, das teorias”[30]. É a busca da felicidade nos bens econômicos, de excluir os pobres dos frutos de suas conquistas e de propagar idéia de que a felicidade é um bem privado.

No Projeto de Ação Missionária Permanente do Conselho Episcopal Regional do Estado de São Paulo foram apresentadas seis necessidades religiosas do homem urbano na cultura pós-moderna, que estão apresentadas à seguir[31].

Necessidade da experiência imediata de Deus: o sentido da vida urbana tem muito a ver com sua aspiração religiosa, que está muito racionalizada. A cultura brasileira perdeu as celebrações devocionais católicas e a religião perdeu a força.

Necessidade de definir por si mesmo a própria identidade religiosa: a motivação para crença religiosa está muito mais na preocupação em encontrar um sentido para viver do que em manter a tradição do ambiente religioso tradicional. O que importa não é manter os costumes e a tradição, mas a liberdade e a autonomia das opções.

Necessidade de salvação entendida como cura dos diversos males: diante do problema da doença, a religião passa a ser o remédio. Em lugar de servir a Deus, a religião passa a servir-se de Deus.

Necessidade do grupo social como ajustamento religioso ao mundo urbano: a urbanização desumanizadora e o cruel anonimato criam pessoas doentes de solidão em

---

[29] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 127.
[30] Ib. p. 37.
[31] Cf. CONSELHO EPISCOPAL PERMANENTE REGIONAL SUL 1. *Projeto de Ação Missionária Permanente*. PAMP. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 14-21.

meio à multidão. As associações vêm ao encontro das necessidades de relações afetivas satisfatórias e da real significação existencial.

Necessidade de respostas religiosas práticas e imediatas: o discurso religioso necessita de objetividade para responder ao anseio humano. Por mais fundamental que seja a Verdade ela precisa ser útil, pratica e imediata.

Necessidade de solidariedade e conforto nos momentos difíceis da vida: a religião torna-se consolo e solidariedade ao solitário homem da cultura urbana, principalmente nos momentos de situações emocionais fortes.

Enfim, é preciso ver que há uma distância enorme entre o Evangelho e o pensamento cultural atual. Para viver o Evangelho é preciso optar por uma vida alternativa. Porém, é impossível viver o Evangelho sozinho, a comunidade de fé é fundamental.

2.4. Pluralismo religioso

Milhares de católicos converteram-se para Igrejas de tipo pentecostal. A cidade é um grande mercado de religiões em que cada um escolhe livremente e não se sente constrangido pela família, nem pela vizinhança. Na sociedade urbana contemporânea (cultura ocidental), o indivíduo escolhe sua religião sem depender mais da "tradição". A cidade moderna apresenta aos indivíduos um complexo religioso que pode ser desde a mesma tradição rural até a formas neopentecostais e midiáticas, numa variedade complexa de Igrejas e seitas.

Nos últimos trinta anos o número de católicos brasileiros que escolheram outra religião se aproximaram de 20% da população, nas grandes cidades até 30%.

Segundo pesquisa do CERIS [32]a motivação do indivíduo urbano para escolher a religião está em primeiro lugar a realização de um sentido de vida e encontro de justiça, paz e harmonia da religião e em segundo lugar vem a influência da família, do ambiente familiar e da tradição.

A liberdade de escolha pressupõe uma gama ampla de alternativas, ou seja, o pluralismo. Essas possibilidades de escolhas individuais teriam contribuído para sufocar o impulso das mudanças sociais.

Essa sociedade contemporânea garante liberdade meramente na esfera do privado para compensar a perda da liberdade social e econômica. É um processo que utiliza a sociedade de consumo para criar a ilusão da liberdade ilimitada.

---

[32] Cf. CENTRO DE ESTATÍSTICAS RELIGIOSAS E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. *Atlas da afiliação religiosa.* São Paulo: Loyola, 2003.

3. CULTURA

> A maioria dos problemas gerados pela cidade procedem mais da nova cultura ocidental do que da estrutura da cidade. As cidades variam muito na história, e os problemas atuais das cidades são, em primeiro lugar, os problemas nascidos na nova cultura. Essa cultura se identifica, de certo modo, com a vida urbana atual, sobretudo nas grandes cidades. Mais do que um problema de oposição campo-cidade, encontramos um problema de oposição cultura antiga-cultura atual[33].

Os problemas da cidade estão relacionados mais a "nova cultura" do que às suas estruturas. A partir desta afirmação desenvolver-se-á a terceira parte deste capítulo. A cultura é tão determinante para a compreensão do homem urbano quanto à economia, política e religião. É por meio de sua cultura que o homem transforma a natureza e constrói cidades.

Seguindo a mesma lógica do raciocínio, de trabalhar questões atuais, sentido atual das cidades e de seu processo de urbanização, quando se fala em cultura atual fala-se em modernidade e pós-modernidade com suas características que se identificam, mais do que nunca, com cidades e homem urbano.

Segue-se, portanto, uma definição de cultura naquilo que se relaciona ao ser humano; uma apresentação do que é modernidade e de suas características, suas manifestações e sua crise; a pós-modernidade com sua subjetividade e magia, e seu determinante pluralismo cultural. Pois, compreendendo a cidade, como criação da cultura humana em suas características atuais é que se pode evangelizar a cidade.

3.1. O que é cultura

"Cultura é a transformação que o homem, consciente e livremente, realiza na natureza, tanto na própria quanto na alheia, visando o aperfeiçoamento desta mesma natureza"[34].

A cultura é ostensiva do ser. A partir da cultura pode-se chegar aos mais profundo do ser, e tirar conclusões legitimas com relação a ele. Por exemplo, uma cultura, em suas

[33] COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI.* Op. cti. p. 31.
[34] RABUSKE, A. E. *Antropologia Filosófica*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 49.

múltiplas expressões tem seus refletores voltados para as conquistas da técnica, do bem-estar material, do bem-estar corporal, da exacerbação sexual, pode-se afirmar que essa cultura vive uma crise de espírito e um vazio subjetivo.

"De acordo com o conhecimento atual não há prova de que os grupos de humanidade defiram em suas características mentais inatas, quer a respeito da inteligência ou temperamento"[35].

A Enciclopédia filosófica apresenta duas definições de cultura; uma subjetiva, outra objetiva. Do ponto de vista objetivo, a cultura "são frutos adquiridos pelo homem mediante o exercício das suas faculdades, seja espirituais, seja orgânicas"[36].

3.2. Modernidade

Modernidade é a cultura dos homens brancos, ocidentais, racionais, tecnológicos. A sociedade moderna é caracterizada pela diferenciação da sociedade em subsistemas autônomos sem vinculação com a ética e a religião, isto é secularização. Na modernidade a tecnologia ocupa lugar central, determinando os rumos da sociedade; a tecnologia tornou a vida mais fácil, mais, limpa e mais longa com o preço de desigualdade social e as discriminações.

Cultura atual é a "moderna cultura ocidental". Enaltecida pelos admiradores da evolução, do progresso e desenvolvimento, e criticada pelos defensores do meio ambiente, dos recursos naturais, da dignidade da vida humana, da dominação homem sobre a tecnologia. Essa cultura atual está em crise. Na cultura moderna ocidental há uma polarização entre cultura tradicional e cultura da ciência e da tecnologia. O pólo da cultura tradicional inclui a religião, a filosofia, a ética, a arte, portanto aquilo que visa cultivar o espírito. O pólo da ciência e da tecnologia é caracterizado pela abstração, pelo seu distanciamento a toda perspectiva particular, a sua indiferença à existência concreta do homem.

3.2.1. Secularização

A secularização é a negação do transcendente e da afirmação prática e exclusiva (absoluta) do imanente. Com isso os valores morais e religiosos se enfraquecem. Negando-se a dependência do Criador, o secularismo conduz à idolatria do ter, do poder e do prazer. Faz perder o sentido da vida, reduzindo o ser humano a um mero valor material. É a característica

---

[35] União das Nações para a Educação e Científica e Organização Cultural - UNESCO. D*eclaração sob os auspícios*, 1950.
[36] MATHEU V. *Cultura*, in Enciclopédia Filosófica. Florença: 1957, vol. I, col. 1369.

do mundo urbano; científico, técnico, é a cultura dos meios de comunicação na mentalidade urbano-industrial, numa palavra é a modernidade.

Há toda uma deformação da consciência ética e um relativismo moral. Diluiu-se a fronteira do bem e do mal. Com isso, cresce a corrupção e o conceito de bem comum se obscurece. Corrompidas estão as consciências, corrompidos estão os costumes, corrompidas estão as estruturas. Por que a América Latina, continente cristão-católico, é o continente onde existe maior desigualdade social? Isso deteriora a dignidade humana.

3.2.2. Consumismo

O consumismo é a influência da tecnologia e da nova organização econômica da sociedade, não é apenas o excesso de consumo, mas uma mentalidade que influência o íntimo e o psiquismo humano através da imaginação e da emoção, seduz o povo por uma procura insaciável do sonho, do desejo, acima daquilo que já foi experimentado, levando à escravidão pelo desejo.

"A civilização do consumo exerce sobre as crianças e os jovens uma pressão quase irresistível. Os que se lançam mais avidamente ao consumo são os jovens, porque são mais sensíveis aos apelos incessantes da propaganda"[37].

3.2.3. Crise da modernidade

Há uma crescente consciência de crise da modernidade, pelo fracasso das promessas de igualdade liberdade, progresso, desenvolvimento. Começou-se a falar em pós-modernidade como: esgotamento e superação da modernidade; exasperação dos aspectos negativos da modernidade. O que se identificou como diagnóstico desse quadro foi pluralismo cultural. O Brasil vai se revelando num mosaico extremamente variado e apenas precariamente unificado de tradições ou núcleos culturais diferentes.

3.2.4. Individualismo e subjetividade

O individualismo é um valor proclamado pelos iluministas, que enfraquece os laços comunitários e solidários, além de valorizar a subjetividade na livre escolha pessoal, na liberdade e consciência dos direitos fundamentais, a pessoa só se preocupa consigo mesma e com satisfação de suas necessidades, difundidos pelos meios de comunicação social.

---

[37] COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI*. Op. cit. p. 26.

É a sociedade do efêmero, as pessoas consideram provisórios e passageiras todas as atitudes e encontram dificuldades em aceitar em compromisso estável e definitivo inclusive no matrimônio, na vida consagrada e sacerdotal.

3.3. Pós-modernidade

"Deixamos o espaço da sociedade arcaica na sua tranqüilidade imutável para uma sociedade moderna e pós-moderna agitada, pulverizada. A cultura moderna e pós-moderna e marcada por um projeto emancipador, científico-tecnológico e experiencial existencial que determina a qualidade e a natureza do espaço"[38].

"É a cultura pós-moderna, quase inteiramente norte-americana. Os Estados Unidos são, na atualidade, quase a única fonte de cultura do mundo ocidental, novidade que se estabeleceu, sobretudo no decorrer dos últimos 30 anos, havendo grande difusão de iniciação popular dessa cultura, sobretudo mediante a TV"[39].

Essa cultura possui um valor absoluto, que é o bem-estar. Essa cultura não produziu expressões filosóficas marcantes e provavelmente não produzirá, porque possuiu grande rejeição ao mundo das idéias. Porém, apresenta expressões mais ou menos panteístas, num holismo total e o todo é equivalente ao todo. Na América latina, as religiões tradicionais adaptam-se a ela muito bem, de modo espontâneo e cada vez mais sistemático.

Esse bem-estar físico e mental é provocado por estes favoráveis, tais como anjos, espíritos e fadas. O que predomina hoje são as forças mágicas, os mistérios, os entes fabulosos, as novas mitologias, o sobrenatural e o religioso. Os contemporâneos usam a racionalidade da ciência, mas o seu coração não está na ciência, mas na magia.

Os mestres da nossa época são Paulo Coelho e Harry Potter. O século XXI faz deste mundo uma cópia do sobrenatural, onde todos são felizes, tudo é fácil e abundante e o corpo humano todo poderoso.

3.4. Pluralismo Cultural

O pluralismo cultural é uma característica marcante do mundo urbano. A grande cidade é uma pluriformidade de pessoas, roupas, gestos, cenas, serviços, culturas, interesses, classes sociais, artes, esportes, lazer, manifestações religiosas, etc.

---

[38] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. Op.cit. p. 29.
[39] COMBLIN, J. *Os desafios na cidade no século XXI*. Op. cit. p. 31.

Não há raça superior, todos os homens têm a mesma natureza, tanto na dimensão corporal, quanto na dimensão espiritual. Mas a natureza humana é inseparável da cultura. Na cultura há diferenças. Há uma pluralidade de culturas.

"O fundamento da cultura é a natureza humana. Esse fundamento é um potencial dinâmico e tão rico, que não apenas permite, mas, até exige a diversidade das culturas no nível das manifestações. A pluralidade dos modos de ser do homem, representando, tipicamente pelas diversas culturas, é uma multiplicidade na unidade"[40].

Com a natureza humana só há unidade na diversidade, sem anular as diferenças. As diferenças não são desigualdades, ao contrário, pela possibilidade de conhecer os diferentes faz dos seres humanos semelhantes. Porém, mesmo considerando transcendência da natureza humana é sempre preciso questioná-la quando há mudanças culturais.

3.4.1. Pluralismo no pensar e no viver

Na sociedade rural predominava a cultura oral, garantida na sabedoria dos "presbíteros" e "anciãos", na cidade reina a escrita, avançando para a cultura icônica, dos computadores, aeroportos e shoppings, com sinais e indicações dos signos que suprem as palavras.

No passado amava a ordem e a estabilidade, gostava de estar em casa. Hoje o homem moderno gosta das viagens para saber como vivem e pensam outros homens. Hoje o homem vê nas viagens um impulso para a mudança, relativisa os costumes, as experiências e a cultura.

3.4.2. Pluralismo na comunicação

Há um universo de escrituras e um silêncio entre as pessoas, sempre apressadas e atarefadas para perguntas verbais, por isso, no olhar vão descobrindo as informações e os conhecimentos de que necessitam. "Cresce nas cidades a importância de acompanhar as notícias estampadas todos os dias nos jornais ou transmitidos pela mídia. Cultura da atualidade dos órgãos de comunicação. Cultura rápida, superficial, sempre em movimento"[41]. Cultura da imagem, dos ícones de computadores, dos sinais convencionais que suprem as palavras.

---

[40] RABUSKE, A. E. *Antropologia Filosófica*. Op. cit. p. 60.
[41] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. Op. cit. p. 114.

3.4.3. Pluralismo do saber

O saber agrário se adquiria pela via da experiência de vida e pela observação da natureza. O trabalho no campo, a vida de família e nos pequenos grupos construíam a experiência de vida, dava uma moral, aprendia-se uma profissão, estabilizava-se a partir de um saber cuja fonte principal estava no passado. Na cidade, o saber é industrial prioriza o atual, é fundamental estar atualizado, sempre em movimento, é a cultura moderna, do que se está na moda, estar sempre voltado para o que está surgindo de novo, em vista de aperfeiçoar sempre mais a realidade. O saber urbano é especializar-se, é ser funcional, é saber classificar, ordenar, calcular, raciocinar, prever, precisar, é entrar numa lógica racional.

Havia um saber agrário que predominava na sociedade rural. Saber adquirido pela experiência de vida e pela observação da natureza. Na cidade, reina o saber industrial. Saber que prioriza o presente, o atual. Sempre em movimento. Saber moderno: "etimologicamente, o termo modernidade provém do advérbio latino '*modo*', que significa primeiramente 'há pouco' ou 'recentemente' (*modo veni*, 'cheguei há pouco). Daqui procede o adjetivo 'moderno' presente já, segundo o *Petit Robert*, no francês medieval desde o século XIV, e o substantivo modernidade foi introduzido em meados do século XIX" [42].

Na cidade reina o saber funcional. Conhecer é classificar, ordenar, aperfeiçoar a realidade existente. Embora, ele exista em dois níveis: uma situada nos centros maiores de conhecimento, outra a viabilização técnica e funcional.

Na sociedade pós-industrial, o conhecimento torna-se a matéria mais importante no processo produtivo. Em toda produção existe um conhecimento embutido. A terra e as máquinas vêem muito diminuído seu valor diante dos "comandos lógicos" (*soft*). Isso agrava mais a durabilidade do conhecimento. Os que estão na fonte geradora do conhecimento detêm, ainda mais, o poder político e econômico. "Conhecimento é poder".

Essa cultura manifesta-se em dois campos distintos: nos centros maiores de conhecimento, produtores de novos conhecimentos e centros técnicos e funcionais, executores dos novos conhecimentos.

No mundo pós-industrial o conhecimento se torna a matéria mais importante do processo produtivo.Ao passo que tanto no mundo agrário como industrial o conhecimento era integrado à terra e à máquina, respectivamente. Cada vez mais a matéria-prima das máquinas perde valor diante dos conhecimentos aí inseridos pelos *chips* e outros recursos tecnológicos.Conhecimento é poder.

---

[42] VAZ DE LIMA, H.C. *Escritos de Filosofia III: Filosofia e cultura*. São Paulo: Loyola, 1997, p.225.

O conhecimento na cidade pós-industrial está em tensão entre duas tendências antagônicas. De um lado está a especialização, a pulverização das unidades maiores em unidades menores e sempre menores unidades. Por outro lado quer se criar uma visão holística da realidade, captar o todo nas partes e as partes dentro do todo.

3.4.4. Tensão entre especialização e holística

O conhecimento tende a especializar-se o máximo possível, pulverizando as unidades maiores em pequenas e sempre menores unidades. É possível transitar por elas, está na moda a interdisciplinaridade, pelo pressuposto da multiplicidade. Por outro lado, cria-se uma visão holística da realidade, é o esforço da mente de captar o todo nas partes e as partes dentro do todo.

"*Holos* vem do grego e significa 'todo', 'total' ... Holismo é uma palavra muito em voga no vocabulário dos seguidores da Nova Era, convencidos de que o pensamento e a vida, a matéria e o espírito, o aqui em baixo e o mais além estão intimamente ligados e interconectados, pelo que desejam promover uma cosmovisão que seja englobante"[43].

3.4.5. Cultura de imagem do espetáculo

Vive-se a cultura da imagem, a razão cede lugar à emoção, aos sentimentos. "A lentidão reflexiva da palavra estudada, meditada, aprofundada é substituída pela velocidade esfuziante das notícias, de sucessões de cenas. Os fatos passageiros, ocorridos aqui e agora, desfilam diante do espectador passivo. O vídeo da TV e a moldura da realidade. Tudo se passa ali dentro. Vive-se a cultura do espetáculo"[44]. Conseqüência disto é que o ser humano cada vez menos participa da história, sendo mero espectador. Emociona-se muito diante das apresentações, porém não passa disso.

3.4.6. Cultura de massa

No final da II Guerra Mundial a sociologia domina. Ela é a correspondente cultural da "sociedade de massa". O desenvolvimento tecnológico está na sua base. "A tecnologia facilitou a produção e a divulgação massiva. A urbanização acelerada, especialmente nos Estados Unidos, formando aglomerados urbanos de milhões de pessoas, criou o destinatário

[43] FRANCK, B. *Diccionario de la Nueva Era*. Estella: Verbo Divino, 1994, pp. 143s.
[44] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. Op. cit. p. 119.

privilegiado dessa cultura. Pessoas que abandonaram a vida rural. Hoje são classe média urbana"[45].

"Ela constitui um corpo de símbolos, mito e imagens concernentes à vida prática é a vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas"[46]. É uma cultura do cotidiano. Porém, introduz pitada de sonhos, de ilusão que fazem as pessoas planar por cima da vida real.

Ela apresenta também mitos vivos, tirados, em geral, do mundo da arte, do esporte. Cumprem a função dos santos da Idade Média. São artificiais, pois a linguagem, os símbolos, as mensagens da cultura de massa possuem caráter descartável dos produtos plásticos. Dando a impressão de que neste mundo tudo e descartável, passageiro, na expectativa do próximo produto, apelando à emoções e sensibilidades.

3.4.7. Cultura globalizada

É conquistadora, esticou ao máximo seus tentáculos de domínio. "Na modernidade, a Europa, centro de tal cultura, ampliou seus sonhos colonialistas pelos diversos continentes. Era uma globalização de tipo geográfico e mercantilista".[47] São características suas: a transnacionalização, o acúmulo de capitais e tecnologias, o domínio do processo produtivo e à pretensão do crescimento ilimitado.

Porém, é preciso diferenciar a globalização dos bens materiais, enquanto fenômeno novo, nisso as culturas periféricas também influencia as centrais. Por exemplo, acontece algo erótico na África e esta notícia corre o mundo. Globalizam-se fragmentos de cultura porque as culturas centrais escolhem as notícias a serem globalizados, incrementado a própria cultura de massa.

3.4.8. Cultura real e virtual

O ser humano sempre prolongou seu contato físico graças a outros meios de relação superando as distâncias. O mais tradicional foi a carta. Depois o telefone que substituiu a presença física pela voz. A "internet" trouxe de volta a escrita nos "chats" num novo tipo de relacionamento, absolutamente inédito para a psicologia e ética. Busca superar a solidão e o isolamento sem sair de casa. Numa escrita informal, espontânea, de liberdade e até falsa e

---

[45] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. Op. cit. p. 121.
[46] MORIN, E.*Cultura de massas no século XX: O espírito do tempo – 1 neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p.14.
[47] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*. Op. cit. p. 123.

ilusória. É um novo tipo de individualismo com indiferença a realidade da existência das pessoas. Vive-se no mundo dos sinais eletrônicos, sem saber que vida existe por detrás deles.

3.4.9. Cultura do pluralismo religioso[48]

A religião não é apenas produto da cultura, mas parte integrante da cultura como princípio vital e essencial. De modo que os altos e baixos da religião correspondem aos altos e baixos da cultura. A cultura corresponde à maneira com que o homem aproxima-se da religião.

Na prática, a religião de um povo é limitada e condicionada e ao mesmo tempo é enriquecida e expressa pela cultura; na teoria a cultura é esforço deliberado para por a vida humana em relações com a realidade divina.

O primeiro fenômeno que aparece nos dias atuais é o individualismo; é elevado o número de brasileiros que reduzem a religião a uma convicção interior, pessoal, a uma religião "invisível" que abandona totalmente as praticas comunitárias.

Para os que aderem as outras Igrejas cristãs ou outra religião a prática religiosa é alta, entre eles há pessoas que freqüentam mais de uma religião. A causa disso é o desenraizamento ou desegregação da cultura tradicional, a acelerada urbanização, migrações, proselitismos.

Por outro lado, encontra-se a história do catolicismo brasileiro, em grande parte constituído por devoções aos santos, transmitidos de geração a geração e pouco assistido pastoralmente sem uma devida catequese.

Um terço dos católicos declaram participam assiduamente da vida da Igreja. Esses são os que assumiram a renovação conciliar. Muitas conservam a crença tradicional com adesão parcial, recusando ritos, disciplinas, e, sobretudo, suas normas éticas. Quase todos buscam alguma força de segurança.

Os que vão para outras Igrejas o fazem de maneira fundamentalista (a partir do uso de Bíblia) e subjetivista (resolução imediata de problemas pessoais). Isso chama-se religião de si mesmo, está situado num movimento chamado "Nova Era", que rejeita a tradição cristã.

Essa exacerbação do subjetismo se define como comunidade emocional, com vínculos de família, vizinhança e cultura, é o seio do neopentecostalismo. Isso também é muito expressivo nos movimentos carismáticos e nas Igrejas eletrônicas.

---

[48] Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 1999 – 2002.* São Paulo: Paulinas, 1999, pp. 98 – 108.

> Hoje encontramos, por exemplo, seicho no ié, baha í, yoga, seita de moon, igrejas eletrônicas, Hare Krishina..., que minam a identidade cristã, os católicos sem adequada formação ficam à mercê do proselitismo. Esse pluralismo leva a um indiferentismo religioso: todas as religiões são boas, depende do gosto e do interesse de cada um.

Isso é resultado de um mundo moderno, é o espírito liberal da modernidade, o supermercado religioso; há também a superficialidade religiosa, a busca de solução de seus problemas (saúde, necessidades emergentes). Nestes momentos críticos apegam-se ao primeiro que lhes oferece a mão. Esse é um dos grandes desafios nossos, o atendimento personalizado.

CAPÍTULO II – TEOLOGIA DA CIDADE

Este capítulo apresentará a Teologia da Cidade contida na obra de José Comblin, que possui este mesmo título. O método usado será o dialético. Pois, a primeira página da Bíblia, o paraíso é um parque situado num campo. Mas, a última página é a visão de uma cidade nova. Do campo à cidade a Bíblia descreve a longa viagem da humanidade, muito parecidíssima, com o movimento da história da humanidade nos últimos milênios. Há uma oposição freqüente na Bíblia entre campo e cidade, como dois pólos de tensão, os quais refletem a dialética da história da revelação divina, com muita paixão. Nela encontram-se previamente algumas características da Pastoral Urbana[49].

A primeira parte desenvolverá alguns aspectos da Teologia da Cidade no Antigo Testamento. A segunda parte, aspectos da Teologia da Cidade no Novo Testamento e na Igreja. Na terceira parte será observada a imagem da Nova Jerusalém do Apocalipse de São João como fim da dialética e superação da cidade.

Há na Bíblia uma dialética ampla sobre a cidade. Desde a oposição dramática entre Babilônia e Jerusalém perpassando por Israel como negação da cidade e o paganismo como afirmação, desenvolvendo-se numa dialética até de superação da cidade atual para o surgimento de uma nova cidade que será o futuro da humanidade[50].

[49] Cf. COMBLIN, J. *Teologia da cidade*.Op. cit. p. 12.
[50] Cf. Ib. p. 23.

1. A DIALÉTICA DA TEOLOGIA DA CIDADE NO ANTIGO TESTAMENTO

Na primeira parte será observada: 1) a negação da cidade, porque o Povo de Israel rejeitou a vida nas cidades, construindo uma mística de povo peregrino (Abraão), povo do deserto (Moisés), que criticou fortemente as cidades pagãs (Babilônia) e até mesmo Jerusalém; 2) a afirmação da cidade pagã, o que se pode censurar na cidade pagã no que se tem de pagã (a presunção do povo em realizar a comunhão humana, a construção da 'torre de Babel' como orgulho humano; o acúmulo de riquezas e as idolatrias); 3) O caminho do Povo de Israel rumo à Jerusalém celeste.

1.1. A negação: Israel e sua vocação

Como a hostilidade contra as cidades pode encarnar a busca de Deus e a fidelidade a Deus? A resposta a essa questão será apresentada em duas séries de temas, as primeiras exaltam a vida nômade e o deserto, as segundas denunciam os pecados da cidade de Babilônia, com as questões sobre a torre de Babel, Jerusalém e suas idolatrias.

1.1.1. Abraão

"Ele lhe disse: 'Eu sou Iahweh que te fez sair de Ur dos Caldeus, para te dar esta terra como propriedade'"(Gn 15,7)[51]. "Abraão é o precursor de todos os que abandonam sua cidade para ir ao encontro de Deus".[52] Abraão é o símbolo do homem a quem Deus interpelou, com a ruptura com a cidade, desenraizar-se, estar disponível a Deus. Na espiritualidade cristã isso se traduz em caminho, peregrinação, retiro, marcha, desapego.

[51] BÍBLIA: A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

[52] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 25.

"Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança e partiu sem saber para onde ia" (Hb 11,8). Desapegou-se do que amava para subir em direção ao futuro. Condenou-se a vida nômade.

Nesta mesma ótica pode-se interpretar a saída das doze tribos do Egito, como vida nômade; chegando em Canaã, Deus os adverte e os ordena destruir estas cidades; a diáspora parecia uma ruína, era promoção; Israel sobreviveu no exílio e se desenvolveu. Israel não precisava nem de Jerusalém, nem de Canaã para manter as idéias fundamentais de sua missão: "não possuir cidade própria, ser em todos os lugares estrangeiros, deixar o lugar de origem e queimar seus barcos, sempre a caminho, não para buscar lugar de refúgio, porém para buscar o encontro com Deus"[53].

1.1.2. Moisés

O deserto é onde Deus se revela a Moisés. No deserto Deus o espera e lhe revela ao mesmo tempo o destino de Israel e sua missão pessoal[54]. Deus dará a Elias a mesma experiência do deserto[55].

A partir desses acontecimentos fundamenta-se a teologia mística de que o verdadeiro conhecimento de Deus está associado à vida no deserto. O deserto é o vazio de toda civilização, de todo objeto elaborado pelo homem, o vazio de toda presença humana, até o vazio de toda imagem para que a manifestação de Deus seja favorecida.

O deserto é também o lugar da aliança entre Deus e o homem. Porque no deserto Israel renuncia aos celeiros, às economias das civilizações urbanas, para responder a uma promessa. E somente a pobreza pode ser prova de fidelidade. Por isso, também o deserto é lugar de tentação. "Lembra-te porém, de todo caminho que Iahweh teu Deus te fez percorrer durante quarenta anos no deserto, a fim de humilhar-te, tentar-te e conhecer o que tinhas no coração: irias observar seus mandamentos ou não?" (Dt 8,2).

Mas, no deserto, Deus se mostra o mais forte e livra o homem de toda sublevação. Isto pode ser observado na voz dos profetas e em especial em Oséias e Jeremias, onde a "esposa infiel" se volta a um Deus ciumento.

---

[53] COMBLIN, J. *Teologia da cidade.* São Paulo: Paulinas, 1991, p. 27.

[54] Cf. Ex 3, 1-10.

[55] Cf. 1Rs 19, 9-17.

1.1.3. Os pecados das cidades (Babilônia e as cidades da antiguidade)

"A história bíblica se desenvolveu precisamente na região onde nasceu a revolução urbana. Foi contemporânea ao apogeu das grandes metrópoles da antiguidade. Especialmente da Babilônia"[56].

"Assim Babilônia, a pérola dentre os reinos, o adorno e o orgulho dos caldeus, será como Sodoma e como Gomorra, que foram reduzidas a ruína por Deus" (Is 13,19). "Dirão: ai, ai ó grande cidade, vestias linho puro, púrpura e escarlate, e te adornavas com ouro, pedras preciosas e pérolas" (Ap 18,16). Foi a primeira metrópole de irradiação mundial. Durante 1.400 anos foi o centro comercial e cultural da Ásia antiga. No tempo dos profetas teria 300 à 400 mil habitantes, a maior concentração humana conhecida até então.

"Retribuirei à Babilônia e a todos os habitantes da Caldéia, todo mal que eles fizeram em Sião, diante dos vossos olhos, oráculo de Iahweh" (Jr 51, 24). Coroada por um *zigurate*, em sua cúspide o templo dedicado a Marduc que afirmava a soberania de Deus sobre Babilônia, mas ao mesmo tempo a glória de reinar em tão grande cidade. Esta torre era para os babilônios a imagem do mundo. Babilônia foi alvo de invocações sagradas de ódio e horror pelos profetas, principalmente por Isaías e Jeremias e no Novo Testamento, são João as resumiu bem nos capítulos 17 e 18 do Apocalipse. "Sobre a fronte estava escrito um nome, um mistério: 'Babilônia, a Grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra. Vi então que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus" (Ap 17, 5-6).

A prostituição da Babilônia é a idolatria. "Aquela grande metrópole foi edificada para glorificar um ídolo, Marduc, o deus da Babilônia, isto é, para glorificar o que os homens colocam sob as aparências dos ídolos...". Babilônia foi a cidade de 53 templos e 1.300 altares, a cidade das grandes procissões e das grandes liturgias[57].

No final da história das origens, narrada no livro do Gênesis 11, 1-9 esta a "torre de babel" não há dúvidas que seja a pirâmide descoberta em meio às ruínas da cidade e que a cidade seja Babilônia histórica. O pecado dos babilônios não foi construir a cidade e a torre, mas foi construí-las para afirmação do orgulho humano, uma manifestação de confiança em si mesmos, de segurança e até de arrogância e vontade de dominar o mundo.

---

[56] COMBLIN, J. *Teologia da cidade.* Op. cit. p. 29.

[57] Ib. p.31.

A Bíblia também relata outras passagens[58] em que os homens edificaram cidades por desconfiar de Deus e confiar em si mesmos. “Há algo na cidade que faz do homem um ególatra e o insensibiliza com respeito a Deus”[59].

Da mesma forma pode-se observar a história de Caim, o inventor do crime; da corrupção dos patriarcas de Sodoma e Gomorra em oposição a Abraão e Ló que permanecem fiéis e das demais cidades da antiguidade. A idolatria das cidades revela sua auto-suficiência, a afirmação orgulhosa de si e o desprezo pelos outros. “Por isso, a Bíblia denuncia justamente aquilo de que as cidades se vangloriam: sua força, sua riqueza, seu domínio”[60].

1.1.4. O equívoco de Jerusalém

A conduta de Israel para com Jerusalém revelará a singularidade de sua vocação e de seu modo de relacioná-la com a cidade. Israel entende que Jerusalém não é uma fundação divina como os pagãos pensavam de suas cidades. Tem consciência de que ela foi conquistada por Davi, pela astúcia de seus guerreiros. Quando a arca foi translada para Jerusalém, o templo havia se tornado sagrado, não a cidade. Com Salomão o templo substituiu a arca, mas o templo era de Deus; e a cidade do rei. “O povo de Deus não necessitava de cidade para viver. Era essencialmente uma comunidade nascida ao redor da lei, das tradições de Moisés e dos profetas”[61].

Durante o exílio, Jerusalém passou a ser a esperança de Israel, como realização das promessas tanto no sentido de reconstrução material, como também, morada divina, projetada para futuro. Mas historicamente, a verdadeira morada de Deus não foi a cidade reconstruída por Neemias e Esdras, menos ainda a reconstruída por Herodes.

1.1.5. Os pecados de Jerusalém

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apredejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha recolhe os pintinhos debaixo das asas, e não o quiseste!”(Mt 23,37). “Seus cadáveres ficarão expostos na praça da Grande Cidade, que se chama simbolicamente Sodoma e Egito, onde também o Senhor delas foi crucificado” (Ap 11,8). Jesus repete a postura dos profetas e João identifica-a com Babilônia.

---

[58] Cf. Dt 28,52; Jó 6,20; Pr 21,22; Is 23;Ez 66.

[59] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 32.

[60] Ib. p. 32.

[61] Ib. p. 34.

Nos tempos de Ezequias a cidade foi protegida a ponto de ser criar um mito[62] de segurança ao seu redor e isso também foi denunciado pelos profetas, que por isso sofreram as perseguições. Maior exemplo disto foi o profeta Jeremias. “Para os profetas, os israelitas, adotando a vida urbana, assimilam o espírito do paganismo... Em Jerusalém, como em Babilônia, há uma opacidade, uma impermeabilidade para a manifestação de Deus”[63].

[62] Cf. 2Rs 18s; Is 36s.

[63] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p.36.

1.2. A afirmação: a cidade pagã

Neste item será observada a afirmação da cidade pagã: as cidades do Egito e da Mesopotâmia são acima de tudo concentrações de riquezas e de idolatrias, as quais escondiam suas frustrações e suas misérias. Os profetas perceberam esses males e reagiram contra as cidades pagãs, "O que havia, pois, nas cidades contemporâneas da Bíblia, para suscitar a tal ponto a cólera dos profetas, a cólera de Deus?"[64].

As cidades pagãs negam a comunhão humana, o episódio da "torre de babel" é a intervenção de Deus frente o erro humano. Israel firmou-se como comunidade da Aliança, da fidelidade a Deus em torno da fé numa promessa, numa palavra, e com isso pressentiu as injustiças e as idolatrias e a presunção humana de construir uma comunhão sem Deus. De fato, os problemas das cidades estão em torno da comunhão humana. Porém, sem a graça de Deus o ser humano tem não constrói comunhão.

É o que será visto a seguir: as cidades pagãs, suas idolatrias; a intervenção de Deus e o início da dialética da comunhão que levará a Jerusalém celeste.

1.2.1. As cidades do Egito e da Mesopotâmia

A interpretação de Gênesis 11,1-9 proporciona um marco para os profetas, pois, fundamenta sua acusação contra as cidades. Israel não esquecera do Egito: "portanto impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que lhe exigiam. Foi a assim que ele construiu para o faraó as cidades armazéns de Pitom e Ramses" (Ex 1,11). As cidades industriais modernas também não são construídas graças ao trabalho forçado dos operários necessitados? As cidades mostrando seus fascínios escondem suas misérias.

A história e a arqueologia confirmam o que os profetas dizem. Primeiro eles dizem que as cidades foram antes de tudo concentrações de riquezas. "Junto às povoações que vivem diariamente de uma economia de subsistência, as cidades armazenam víveres e vivem de provisões armazenadas. As cidades não produzem tudo o que armazenam e consomem. Absorvem os produtos dos campos, todo mundo trabalha para elas. A atividade típica das

[64] Ib. p. 36.

primeiras cidades é o intercâmbio de mercadorias e serviços. O comerciante foi o personagem que deixou pegadas na sociedade urbana"[65].

> As cidades nasceram dos excedentes agrícolas, frutos das condições mais favoráveis ou de melhores técnicas. Ao se produzirem objetos de luxo surgiram necessidades, e para atender a essas necessidades, nasceram novas profissões. A sociedade urbana começou a diversificar-se. A cidade transformou-se em centro de armazenamentos desses novos produtos e em centro comercial. Assim apareceram as primeiras aglomerações urbanas na Suméria e mais tarde, em toda a Mesopotânia: Eridu, Larsa, Lagas, Uruk, Nipus, Surupak, Kis, Gender, Nars, Esnuna, Mari....[66]

A riqueza acumulada nas cidades da antiguidade poderia ser hoje impressionante. Ur chegou à cidade no 5º milênio, chegou a 100.000 habitantes no ano 2500, Babilônia 300.000 nos tempos de Nabucodonosor. Mênfis e Nínive foram cidades parecidas. Posteriormente, Selêucia substitui Babilônia com 600.000 habitantes. Pataliputra, no vale Indo, alcançou meio milhão de habitantes. Siracusa, fundada pelos gregos com 400.000 foi a maior cidade do mediterrâneo no início do século IV. Cartago superou 300.000. Alexandria chegou perto dos 70.000. Roma um milhão, no tempo dos imperadores.

As cidades sempre se apresentaram como verdadeira metamorfose da humanidade, era necessário que elas sempre se mostrassem como um grande progresso para que seus habitantes se submetessem aos sofrimentos e às humilhações que lhes exigia. Desde o começo a cidade foi marcada por contradições da esperança à opressão, dos vencedores ao vencidos.

1.2.2. As idolatrias das cidades pagãs

Mesmo as cidades pagãs eram profundamente religiosas. As cidades antigas eram dominadas pelas construções gigantescas de seus templos. A cidade estava a serviço dos templos: "os artesãos os adornavam, os comerciantes lhes ministravam os recursos da região e os funcionários desempenhavam as funções sagradas. O clero era ali, como quase sempre, nas cidades pagãs, muito numeroso e privilegiado em todos os aspectos"[67].

As cidades eram planejadas em função das procissões anuais. A cidade antiga não era somente lugar de vida religiosa. É realidade sagrada em si mesma. As liturgias não são atos religiosos na cidade, mas são expressões de si mesma, expressões de sua vida.

O protesto dos profetas contra a religião das cidades era feito porque a religião tornava sagrada, intocável, imutável o sistema de agressão, injustiça, orgulho e auto-suficiência. A religião dessas cidades oculta o sentido da cidade, encobrem o sentido de comunhão humana.

---

[65] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit., p. 44.
[66] Ib. p. 45.
[67] Ib. p. 46.

Valorizam-se o cosmo, mais que o homem, os elementos materiais e os monumentos como moradas dos deuses, e não lugares de reunião. Abrigam-se homens para servi-se deles.

Das cidades antigas restam os templos, palácios, muros. Quase nada restam de seus habitantes. Os deuses ignoram a pessoa humana. “Os deuses impeliram a construir cidades monumentais para sua glória e não cidades residenciais para os homens. Eis aqui para onde conduziu a ignorância do verdadeiro Deus”[68]. A religião pagã se afasta de Deus porque faz os homens crerem que sua salvação está na força da cidade.

Atenas, cidade grega ideal, em 431 possuía cerca de 40.000 habitantes, homens livres, contra 150.000 pessoas sem direitos civis, estrangeiros, mulheres, crianças e 100.000 escravos. Se a negação profética do Antigo testamento não as tivesse desmarcado, se não tivesse confrontado com a imagem da comunhão humana, a comunidade da aliança, formada por homens, eles teriam continuado com suas esperanças e frustrações, riquezas e misérias, poder e escravidão, como fruto de fatalidade.

A negação de Israel fazia ver que a cidade necessitava de salvação, porém, o deserto, a vida nômade, só servia para mostrar os defeitos da cidade. “Tratava-se de fazer ver o que permanece oculto na cidade pagã e construir seu sentido único e sua justificação: a promoção da comunhão dos homens”[69].

1.2.3. A dialética da comunhão

“O problema da cidade parece ser o da comunhão humana”[70].

Dentre todas as formas de comunhão há uma que atrai mais atenção na Bíblia: a cidade. Por muito tempo as cidades serviram de bases para conquistas da humanidade. Hoje, está finalidade praticamente não existe mais. Por isso, a cidade poderá preocupar-se com um problema que é próprio de sua natureza: a comunhão humana, isto é, como relacionar os corpos dos homens de forma que a humanidade possa desenvolver-se a partir da sua comunhão?

Nesse sentido o protesto dos profetas é uma intuição de que o futuro das cidades, caso elas continuassem da maneira como estavam, seria um acúmulo de desumanidade. Não adianta os homens, por eles mesmos, construírem a comunhão prescindindo de Deus. Só Deus tem o segredo da comunhão humana.

---

[68] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op cit. p. 49.
[69] Ib. p. 51.
[70] Ib. p. 37.

Diante do surgimento das cidades Israel tem a missão de apresentar uma forma alternativa de convivência humana, primeira sendo povo da aliança, ao redor de uma mensagem recebida de Deus e de uma missão. Israel é um povo por submissão à lei, que o faz viver em comunhão, é uma forma de vida comum que testemunha contra a cidade. "Comunidade de esperança, frente a uma comunidade de riquezas, tão enganadora; comunidade fraternal, frente a uma comunidade de antagonismos... A vida comum de Israel foi, antes de tudo, protesto contra a sociedade, contra a vida comunitária dos pagãos e principalmente contra as cidades pagãs. Foi negação"[71].

1.2.4. A intervenção de Deus frente à presunção humana

O texto fundamental para esta reflexão é o da torre de Babel (Cf. Gn 11, 1-9). Só podemos compreendê-lo corretamente diante da visão da nova Jerusalém de São João no Apocalipse. Podemos dizer que o que começa com Abraão é a resposta de Deus ao problema que os homens quiseram resolver em Babel e que termina com a visão de João no Apocalipse (Ap 7,9).

A humanidade esta feita para a unidade, sua missão e finalidade são reunir-se. O pecado de Babel não foi querer construir uma cidade, pois o próprio Deus finalmente fundou uma cidade. O pecado foi construí-la como solução para a humanidade.

A missão de reunir os homens e fazê-los viver em comunidade supera a capacidade dos homens. É presunção querer construir a comunhão sem Deus. Impedir a construção da torre de Babel foi a vingança de Deus pelos escravos explorados nas grandes cidades, é a justiça e a libertação de Deus. "Deus interveio, pois, para pôr modelo novo de vida comum diante do fracasso humano, para que da dialética assim estabelecida pudesse surgir em seguida a verdadeira solução"[72].

---

[71] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*.Op. cit. p. 40.
[72] Ib. p. 43.

1.3 A superação da dialética cidade no Antigo Testamento

A superação da dialética da cidade no Antigo Testamento não acontece. Pois, a negação das cidades contemporâneas à Bíblia feita pelo povo de Israel, foram soluções parciais que recusaram a vida urbana, quer seja por suas imprecações às cidades, quer seja pela vida nômade ou no deserto, foram soluções de recusa às cidades, porém não chegaram a experimentar nem propor um modelo de cidade que respondesse suas exigências da fé.

Os elementos da dialética da salvação da cidade não se dão desde o princípio. Houve num dado momento da história o testemunho profético de Israel, isso foi a intervenção de Deus na história, a negação da cidade, a denúncia dos profetas. Israel e seu testemunho profético são o motor da dialética da salvação da cidade.

2. A DIALÉTICA DA TEOLOGIA CIDADE NO NOVO TESTAMENTO E NA IGREJA

A dialética da teologia da cidade no Novo Testamento é o redimensionamento da cidade a partir da pessoa de Jesus, que não deixará de levar em conta toda a experiência do deserto, do êxodo, das denúncias proféticas do povo de Israel. Ele será um novo princípio reconciliador da humanidade.

Do povo da Aliança nasce a Igreja, povo da Nova aliança, cuja unidade não é a cidade, porém é a fidelidade à palavra, à aliança, à promessa. Realiza, além das estruturas da cidade, uma comunhão humana.

Enquanto não acontecer a superação desta cidade para o advento da Nova Jerusalém a comunhão humana estará em constante via de construção, é uma única dialética de evolução que relaciona a cidade, o homem, a Igreja.

2.1. Jesus, o princípio reconciliador da comunhão humana

A vinda de Jesus não fez nascer cidade nova. Mas, fez mudar a relação entre o paganismo e Israel. Em parte, com Jesus houve um princípio de reconciliação que serviu para transformar o dualismo Cidade e Povo da Aliança.

Jesus na sua vida pública conheceu a vida nômade dos patriarcas. Viveu nesta terra como estrangeiro. Quando foi à Jerusalém se fez hóspede. Passou sua vida de profeta indo de cidade em cidade, de aldeia em aldeia[73]. Envia também seus mesmos discípulos de cidade em cidade[74].

A vida errante dos discípulos ultrapassa o sentido da vida errante dos hebreus. Para os cristãos, como são Paulo "mas a nossa cidade está nos céus de onde também esperamos ansiosamente como Salvador o Senhor Jesus Cristo" (Fl 3,20).

Os cristãos vão de cidade em cidade, como embaixadores enviados para anunciar nelas o Evangelho. Assim como os antepassados na fé afirmaram "não temos aqui cidade permanente, mas estamos à procura da cidade que está para vir" (Hb 13,14). Não há sobre a terra cidade que seja a cidade dos cristãos[75].

O sentido do deserto também sobreviveu na Igreja. João Batista anunciava no deserto[76]. Jesus inicia sua missão permanecendo quarenta dias no deserto[77]. Os cristãos vivendo na cidade viviam, com se estivessem no deserto. Entretanto, o deserto não tem para a Igreja a mesma forma que o Antigo Testamento. Mesmo para os monges a ida para o deserto não é definitivamente. O deserto é mais um modo de vida interior do que uma forma exterior.

Jesus não só fundou a Igreja, mas também este mundo e suas cidades. Em Jesus se realiza a salvação da cidade. Por influência de teologia escolástica há uma certa exaltação exclusivista da salvação na Igreja, apenas preocupada com o indivíduo.

---

[73] Cf. Mt 4, 23; 9, 35; Lc 4, 43.
[74] Cf. Mt 10, 11-23.
[75] Cf. 1Pd 1,1; Tg 1,1.
[76] Cf. Mt 3, 1.3.
[77] Cf. Mt 4, 1.

2.2. Os mesmos homens pertencem à Cidade e à Igreja

A cidade movida pela Igreja também se transforma. A Igreja participa da reflexão que a cidade faz sobre sua história, sua cultura, sua política. É uma operação movida pelas forças do futuro. A salvação começa a penetrá-la. Entre a cidade e a Igreja há uma implicação mútua. Os mesmos homens pertencem à cidade e à Igreja.

Diferentemente da diáspora de Israel, os cristãos pertencem à cidade pagã por nascimento e não são indiferentes ao seu progresso, é sua missão ir à cidade pagã. Sua diáspora é para dentro. Na Igreja antiga, elas são "paróquias", isto é, colônias de estrangeiros. No século II, paróquia era entendida como caráter de diáspora, estrangeiros e hóspedes. E ao mesmo tempo "paróquia" de tal cidade significava solidariedade com a cidade. Paróquia significou comunidade cristã de tal ou tal cidade.

A Igreja é comunidade de aliança, fundada na Palavra, na fé e na promessa e sua espera. A Igreja enquanto é distinta da cidade faz abstrações econômicas, sociais. É neste sentido que a Igreja separou-se do Israel do Antigo Testamento. A cidade, no pólo oposto, guarda em regime cristão a autonomia. A cidade é integração dos homens em um só corpo.

2.3. A evolução dialética Igreja-Cidade

As cidades atuais não correspondem ao ideal cristão. Ao contrário, milhões de homens, sobretudo do terceiro mundo são arrastados pelas promessas que a civilização das cidades lhes oferece. Porém, as cidades não estão preparadas para recebê-los e muito menos para acolhê-los. "Parecem mais preocupadas em manter os privilégios da pequena minoria. Milhões de homens amontoados, em promiscuidade que impede todo equilíbrio psicológico e toda vida familiar. Triunfo do amontoado, do ruído. Homens condenados à insegurança, que vivem dos desperdícios, do lixo deixado pela civilização"[78].

Os edifícios se multiplicam, para a minoria. Mas, as massas são ignoradas. A urbanização é muito rápida. Assim, é inevitável a miséria. É difícil demonstrar historicamente o que as cidades devem ao cristianismo, mas sabe-se que a tarefa dos cristãos e o efeito redenção de Cristo são salvar a cidade de seu mal, transformá-la em autêntica comunhão humana.

A Igreja sempre está em vias de constituição e a cidade em vias de salvação. A Igreja não está feita de cristãos perfeitamente formados. Ela se forma contendo em seu seio os "fracos", que precisam mais do aspecto institucional.

---

[78] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 57.

Na civilização urbana é que se afirma a tensão entre a Igreja é a cidade. O cristão encontra em sua pertença à Igreja os critérios éticos de julgamento da cidade, assim, introduzir na cidade os fermentos novos que unirão os homens.

Com a força da redenção o homem vai rompendo as barreiras, suavizando os costumes, mudando as instituições. As cidades antigas estavam tão impregnadas de corrupção, que as primeiras comunidades se afastam de muitos de seus atos sociais, tais como: jogos de circo, festas religiosas, culto imperial, triunfo dos generais vencedores. Não só atos sociais, mas também profissões: magistrados, atores, presidentes de jogos, encarregados de casas de prostituição, sacerdotes, adivinhos, feiticeiros... A presença dos cristãos na vida da cidade é um ideal, meta que deve ser alcançada.

As cidades contemporâneas também são delineadas na medida em que manifestam o paganismo. É impossível o cristão participar integralmente da vida urbana. Há muitos, lugares públicos, atividades e profissões que não se podem exercer. Os cristãos devem estar nas cidades para transformá-las, libertá-las de seus pecados, para adaptá-la à verdadeira comunidade humana. “Nisso consiste a dialética interior de cada cristão: aproximar-se da vida urbana o bastante para convertê-la e afastar-se também o bastante para não ser convertido por ela”[79].

A Igreja é comunidade da aliança, fundada na palavra comum, na fé e na promessa e sua espera. Porém, a Igreja nunca está feita de cristãos perfeitamente formados, que vivem como missionários em meio às suas atividades sociais. Os cristãos “fracos” precisam de espaços visíveis, fixos, pois olham sempre para a cidade como se ela fosse excessivamente pagã. Por outro lado, quanto mais cristã for a cidade, menos instituições cristãs serão necessárias nas cidades.

A evolução da dialética Igreja-cidade se realiza por saltos, por choques, e contrachoques. Umas vezes a Igreja se abre à vida social, outras vezes se volta sobre si mesma. A evolução nunca é contínua e progressiva. Prossegue por meio de saltos, retrocessos e avanços.

[79] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 60.

2.4. O advento da Nova Jerusalém

Além da negação da cidade haverá outro gesto de Deus, que será reconciliador. Onde a idéia de comunhão humana deixará de ser estranha à cidade, a cidade deixará de estar vazia de si mesma. É o advento da nova Jerusalém[80]. A nova Jerusalém será a realização do sentido da cidade. Pois, a humanidade foi criada para viver em cidade, a urbanização é o futuro da humanidade, que carece de uma salvação radical.

[80] Cf. Ap 21-22; Hb 12, 22-24.

3. O FIM DA DIALÉTICA – A NOVA JERUSALÉM

Na terceira parte será apresentado o fim da dialética, a superação da cidade: a nova Jerusalém, habitação da Trindade, Cidade-Povo de Deus, Esposa do Cordeiro, expressão do sentido próprio de cidade.

O texto do Apocalipse 21, 1-22 é a descrição da cidade de Deus, é o último episódio da revelação cristã. Este texto não representa as utopias ocidentais, essas utopias são projetos de cidades ideais, impossíveis, que servem aos autores como protesto para imaginar uma cidade perfeita. As utopias refletem o ideal de uma sociedade justa, não pretendem ser um dia realidades, não são programas de ação, são protestos nascidos da consciência.

O Apocalipse de São João trata-se da revelação do fato futuro, são testemunhos daquilo que Deus levará a cabo. É o anúncio de uma estada em que as condições atuais serão superadas. Esse futuro nascerá de maturação seguida de mutação. A visão de são João não pretende unicamente anunciar o futuro: "a nova Jerusalém se inscreve ao termino de uma dialética, de uma tipologia e de uma pedagogia e, por conseguinte, define com relação a ela a situação de todas as etapas que levam ao término"[81].

3.1. Reconciliação

3.1.1. A cidade escatológica é Deus habitando entre os homens

A vinda da nova Jerusalém significa o fim da história, e o fim da história das cidades. São João, antes de ver a descida da nova Jerusalém, ele viu o fim do nosso mundo e o nascimento de outro. "Vi então um céu novo e uma nova terra – pois o primeiro céu e a primeira terra se foram e o mar já não existe" (Ap 21,1). A obra da criação está acabada. Deus desfaz o mundo que havia construído. O que se segue é outra coisa, "pois, ali já não haverá noite" (Ap 21, 25b). Por que será um dia sem fim e sem horas tudo será "pelos séculos do séculos (Ap 22,5).

[81] COMBLIN, J. *Teologia da cidade.* Op. cit. p. 95.

A vinda da Nova Jerusalém é o fim da história da cidade e da torre de Babel, como esforço gigantesco da humanidade para a urbanização. “Babilônia é o símbolo do esforço criador do homem com suas grandezas e misérias, com sua liberdade fundamental de não poder estabelecer a comunhão dos homens. À falência dos homens, Deus responde com um novo ator criador... a ruína da Babilônia prepara o advento da cidade nova. Deus não vem condenar, porém, salvar”[82].

Deus habitará na nova Jerusalém. Ela será a cidade da convivência, vida participada. Na cidade nova o encontro com Deus se realiza, numa descida de Deus, que se torna transparente nas formas humanas. “Não são homens que devem subir aos céus, mas Deus que desce à terra. Não são homens que devem inventar seus caminhos para buscar Deus, mas Deus que se torna presente nessa realidade humana que é a cidade. É Deus que virá habitar entre os homens, tornando-se seu concidadão”[83].

3.1.2. A cidade será habitação da Trindade

Desde Abraão a presença de Deus entre os homens era antes de tudo presença de Deus fora da cidade, no deserto. Mas, na nova Jerusalém a cidade se identifica com o povo da aliança. Era fora porque cidade era corrupção da comunhão humana, o deserto era a comunhão da comunidade.

“Ouvi uma voz forte que do trono dizia: Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão seu povo, e ele será Deus com eles” (Ap 21,3). Esta frase retrata o sentido do povo do Antigo testamento no deserto e, o novo na Igreja. Após a última mudança, a assembléia de Deus toma forma de cidade, realizando a promessa.

“O Apocalipse nos mostra a vida que imunda ou irriga a cidade, a vida que provém das três pessoas divinas. Porque ao lado de Deus se encontra o Cordeiro e dos dois procede o rio que é o Espírito. O amor das três pessoas é o que faz dos homens uma assembléia (*qahal*, igreja), um povo (Israel), uma cidade restaurada e reordenada”[84].

O amor da primeira pessoa é paternidade. Se o povo da cidade nova se torna filho de Deus, é porque ele se tornou também comunhão fraterna. O amor do Cordeiro é do tipo conjugal. Desde o Gênesis, a Bíblia trata do mistério do amor do homem e da mulher. O Cordeiro é o verdadeiro Adão e na nova Jerusalém é a verdadeira Eva. A cidade é mulher. A

[82] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 96.
[83] Ib. p. 97.
[84] Ib. p. 99.

nova humanidade será a nova Eva, é, portanto, formada da substância do Filho de Deus. A substância da cidade santa é da mesma natureza que o amor de Cristo.

"Mas a cidade autêntica não busca seu sentido fora dela mesma. Ela existe para si própria. Ela é vida comum dos homens e esta comunidade é seu próprio fim. Ela não serve a nada nem a ninguém. Ela é a realização do homem. Sua relação com Deus não é relação de serviço, mas de amor filial e conjugal. O que Deus dela espera é que exista"[85].

Os temas de adoção e bodas são complementados pelo Espírito. Do trono de Deus e do cordeiro flui um rio, e a água desse rio é a Vida.[86] Na nova Jerusalém a teofania é a própria cidade. Na intercomunhão dos homens, e através dela, através da vida comum, é que Deus se torna visível. A casa de Deus não é a casa na cidade. É a própria cidade.

3.1.3. A cidade é o povo

"A cidade é quadrada: seu comprimento é igual à largura. Mediu então a cidade: doze mil estádios. O comprimento, a largura e a altura são iguais" (Ap 21,16). Essa figura refere-se ao zigurate da Bibilônia, a torre piramidal, a torre de Babel do Gênesis 11,1-9. É um zigurate enorme, ao seu lado Babilônia parece minúscula.O zigurate do Apocalipse é a cidade, não precisa de mediações da presença de Deus. É presença de Deus. O cosmo se faz revelação.

As muralhas da nova Jerusalém são formadas pelas doze pedras fundamentais com os nomes dos doze apóstolos, como indicação de que todo Israel, o povo de Deus reunido, encontra-se na nova Jerusalém. Os elementos arquitetônicos da cidade não possuem sentido mágico ou ritual, são elementos decorativos. Isso não e a cidade. A cidade é o povo.

As riquezas da cidade não mais significam vitórias nas guerras e injustiças, mas glória divina que cimenta a união entre os homens. É errônea a idéia do "selvagem honrado", onde os aldeões são mais religiosos que os cidadãos. A idéia cristã é que Deus se faz visível nas obras do trabalho, nos bens materiais, nos valores econômicos, nas riquezas. A matéria se faz adorno, a utilidade se faz contemplativa. Deveria analisar aqui os adornos e a beleza feminina para compreender isso.

---

[85] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*. Op. cit. p. 101.
[86] Cf. Ap 22, 1-2.

3.1.4. Pluralidade e gratuidade

A vocação da cidade é ser força de intercomunicação entre os homens. A nova Jerusalém nos coloca na presença de uma totalidade humana: “toda tribo, língua, povo e nação”[87], recordando o capítulo 1º do Gênesis.

Babilônia e os demais impérios tentaram reunir todas os homens reduzindo-os a modelo único, buscaram a paz com a dominação, com a sabedoria dos privilegiados. A Bíblia revela que não pode haver nenhum projeto verdadeiramente humano se não partir do fato da pluralidade.

O povo da cidade de Deus é apresentado com os traços de Israel, no sentido figurado, como povo da aliança, povo de pessoas. As doze tribos reunidas representam a totalidade. Israel reunido significa a humanidade reunida. A nova Jerusalém, em São João, trás a festa de peregrinação dos judeus: Em seu resplendor caminharão os gentios e os reis de terra levarão a ela sua glória[88]. A festa das civilizações antigas é dia de prodigalidade. As nações vêm à festa para oferecer suas riquezas à cidade. Sua festa será o dom em estado puro. É o dom gratuito da vida humana. E esse dom não se perde, pois há um Deus para recebê-lo. O dom se esvazia de si e se converte em expectação de Deus. Significado a reconciliação definitiva do homem, de Deus e da natureza.

Sobre a cidade de Deus pode-se concluir que o homem toma atitude correta frente às realidades materiais no dom, no dispêndio e na explosão da festa. Toma atitude correta diante de Deus no dom e no dispêndio da festa. Deus criou a natureza para ser utilizado pelo homem. É o ato pelo qual o homem se faz disponível a Deus, e, portanto o vê. O encontro entre o homem e Deus não se faz em forma de êxtase, mas na matéria e por meio da matéria. O encontro entre o homem e Deus não se faz de forma individual, mas com o homem agrupado, por meio da unidade e da comunhão dos homens. Só a cidade poderá expressar esse mistério da reconciliação total e da síntese de todas as contradições.

[87] Cf. Ap 5, 9; 10, 11; 14, 6.
[88] Cf. Ap. 21, 24. 26.

3.2. Laico e democrático

3.2.1. A cidade sem templo

Na Nova Jerusalém não há templo porque, diz o texto, o próprio Deus é seu templo[89]. A Nova Jerusalém não se tornou atéia, mas laica. A cidade futura é laica, não por defeito, mas por plenitude, não por falta de Deus, mas, se é que se pode falar assim, por excesso. Deus está imediatamente presente a ela e totalmente transparente, o que suprime toda mediação e, portanto, toda religião.

Não há distinção entre o sagrado e o profano. A presença imediata de Deus torna tudo sagrado, nada está reservado ao sagrado, mesmo o profano é sagrado. Deus e o Cordeiro vivem na cidade. São a luz que a iluminam. A face de Deus é visível. O Espírito é a água que corre pelo rio. Não há diferença entre atos religiosos e atos profanos.

Na Nova Jerusalém não há outra liturgia que a vida. Ela é adoração de Deus[90]. A comunhão humana, será de forma equivalente ao colocar-se na presença de Deus. Bastará que os povos existam para que se viva tudo em Deus. Não haverá Igreja porque a Igreja se dissolverá em um mundo transparente de Deus.

Se a escatologia cristã será secularizada, o mundo atual precisa da mediação para vencer seu paganismo. A mediação terrestre é a pedagogia divina para realizar a comunhão humana. A Igreja e os cristãos devem existir para livrá-la de sua opacidade, prova disso é que nossas cidades estão longe da comunhão humana.

3.2.2.. A cidade sem domínio

Na nova Jerusalém na há autoridade que mande, nem povo que obedeça. Há só Deus que reina em seu trono, e os homens que reinam com Deus[91]. Só há povo.

No início e no desenvolvimento da civilização urbana, o poder foi representado na figura do “rei”. Na sociedade patriarcal pelas tradições. Porém, não se mantém uma sociedade urbana sem coação, a democracia, em principio, é uma utopia.

Em 1Samuel 8, 11-17 há defesa de uma sociedade organizada pelo povo. Porém, seu valor é profético porque na medida que Israel ocupava a terra e formava povo, necessitava de

[89] Cf. Ap 21, 22.
[90] Cf. Ap 22, 3.
[91] Cf. Ap. 22, 5.

rei ou de qualquer outro poder. Samuel teria podido ver a realização de sua idéia na Igreja, como uma sociedade de irmãos, que não conhece o domínio do homem sobre o homem, que não tem exército, nem política. Mas, exigem-se aptidões diferentes,[92] que incluem uma autoridade.

Na Nova Jerusalém a liberdade se desenvolve sem limites graças a sabedoria de Deus. A cidade pagã não reconhecia a sabedoria de Deus, por isso fabrica seus ídolos. A "democracia" da cidade de Deus não consiste em uma emancipação das vontades individuais, mas, fará o bem comum, essa é a sabedoria de Deus.

São João quando anuncia a supressão do Estado na Nova Jerusalém, admite a sua necessidade nestas cidades terrestres. O signo da democracia e da paz só poderá ser dado pela comunidade de Igreja.

A Nova Jerusalém é, simplesmente, a comunidade humana sem nenhuma mediação. É o resplendor da glória de Deus enquanto realização do homem tal como Deus o planejou, criou e quis. Deus fez o homem como ser coletivo, multíplice, como intercomunhão de indivíduos. E, ao mesmo tempo, Deus faz o homem corporal. A comunhão dos homens por seu corpo chama-se cidade. A cidade de Deus manifesta a glória de Deus enquanto é vínculo de unidade. E a humanidade contempla a Deus pela convivência. Os homens encontram a Deus no ato de congregar-se... "O homem encontra-se com o fundamento de tudo no ato pelo qual conhece a si mesmo. Ora, conhece a si mesmo habitando com todos os homens na cidade da humanidade"[93].

"A Nova Jerusalém é a reconciliação do homem e da natureza: a natureza humanizada é uma cidade, e uma cidade como vida comunitária dos homens. A cidade de Deus é a reconciliação do homem com o homem. Se nossas cidades, mesmo aquelas em que a Igreja anuncia a palavra evangélica, são sempre signos de injustiças, dos privilégios de uns e da humilhação dos outros, a cidade de Deus é unicamente sinal de comunhão. A Nova Jerusalém é também reconciliação da natureza e de Deus, posto que é a natureza feita transparência de Deus. É a reconciliação entre o homem e Deus, já que não necessita de templos nem de sinais do divino, sendo em se mesma sinal de Deus"[94].

---

[92] Cf. Lc 22, 25s.
[93] COMBLIN, J. *Teologia da cidade*.Op. cit. p. 117.
[94] Ib. pp. 117-118.

CAPÍTULO III – PASTORAL URBANA

"A pastoral urbana mais eficaz será aquela que puder orientar a nova forma de religião, canalizá-la e utilizar-lhe as energias".[95] Pastoral Urbana é um instrumento de aplicação da Teologia da Cidade, sendo um meio eficaz de evangelizar a cidade. Isto implica em centrar a fé na pessoa de Jesus Cristo, num mundo secularizado; ter diálogo num mundo pluralista; por em relevo na sociedade tudo o que nas culturas há de humano e humanizador. É a prática da Igreja mais humana e acolhedora, misericordiosa e ministerial, missionária e profética[96].

Pastoral urbana é desenvolver uma nova prática eclesial, que esteja embuída do "espírito urbano", que saiba viver no dinamismo da cidade, que tenha uma mentalidade em constante mudança e, não apenas uma mudança de mentalidade. Acreditar que seja possível a passagem de uma mentalidade da tradição rural para uma mentalidade urbana fundada nos valores do evangelho. Um cristianismo da liberdade de vida e, não de obrigações. Uma ação pastoral que leva as pessoas a viverem uma autentica vida urbana, isto é, uma autentica vida humana. O urbano é humano. É a possibilidade de uma vida plena, com acesso para todos dos próprios bens da cidade. É a possibilidade de uma Igreja, que não seja mais atrasada, parada, antiquada, longe da tecnologia.

A Pastoral Urbana deverá fazer com que a Igreja participe do movimento para a liberdade que é a alma da cidade. A pastoral deverá promover uma Igreja mais livre, uma fé mais livre e os cristãos mais livres na sua fé e na sua atuação. A pastoral deverá promover instituições eclesiais que saibam valorizar os bens urbanos e agir em concordância com eles. Em lugar de pressionar os habitantes da cidade para que adiram à Igreja, precisamos tornar a Igreja mais acessível aos habitantes da cidade, para que eles encontrem nela uma mensagem

---

[95] CONBLIN, J. *Comunidades Eclesiais e Pastoral Urbana*, **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, Vozes, vol.30, fasc. 120, , p. 798-799, dez. de 1970.
[96] Cf. BOFF, C. *Uma Igreja para o próximo milênio.* São Paulo: Paulus, 1998.

que concorde com os valores humanos. Pois, a pastoral nunca produz fé, mas apenas tem a finalidade de facilitar o acesso à fé por uma apresentação mais atraente dela[97].

Já houve várias tentativas de sistematização. Mas por enquanto não se pode dizer que há elaboração. Por um lado, trata-se de fato de um trabalho muito complexo e vasto, por outro, falta uma consciência eclesial maior dessa necessidade. Falta, também uma clareza de seus próprios conceitos. Mas, mesmo assim, nas grandes metrópoles algumas iniciativas um tanto ainda incipiente. Por tudo isso o alcance aqui pretendido é elencar algumas características da Pastoral Urbana.

"Que havemos de fazer?" (At 2,37). "É nas Igrejas locais que se podem estabelecer as linhas programáticas concretas – objetivos e métodos de trabalho, formação e valorização de agentes, busca de meios necessários – que permitam levar o anúncio de Cristo às pessoas, plasmar as comunidades, permear em profundidade a sociedade e a cultura mediante o testemunho dos valores evangélicos"[98].

No contexto desta afirmação o Papa João Paulo II faz referência a Pastoral Ordinária como um horizonte vasto e comprometedor. O horizonte vasto e comprometedor da pastoral significam que "a messe é muita, os operários poucos" (Lc 10,2) e "ide eu vos envio como ovelhas entre lobos" (Lc 10,3). Assim dioceses devem estabelecer não um "programa novo", pois, este é o mesmo de sempre, concentra-se no próprio Cristo. Mas, traduzi-lo em orientações pastorais adaptadas às condições de cada comunidade.

[97] CONBLIN, J. *Comunidades Eclesiais e Pastoral Urbana*. Op. cit. p. 795-799.
[98] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte.* São Paulo, Paulinas, 2001, 29.

1. Evangelizar a pessoa

A pastoral urbana se traduz eficazmente em evangelização, tendo como ponto de partida a pessoa humana, um Deus que se revelou num rosto humano, para dignificar o humano. E, principalmente, nestes dias, em que a grande cidade é tão desumana, faz-se necessária uma pastoral que parta da pessoa de Cristo para valorizar a pessoa: na acolhida e no atendimento personalizado; no ir ao encontro das pessoas através do ministério da visitação, indo às casas; na formação dos missionários; provendo as necessidades básicas dos pobres; um diálogo integral, orientado ao conhecimento, à escuta, à compreensão dos valores de cada um; destacando o serviço aos jovens e aos meios de comunicação.

1.1. Cristo mediador e plenitude de toda revelação

> "Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pd 1,4). Em virtude desta Revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17) no seu imenso amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15, 14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão... E, a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos homens, manifesta-se-nos por meio desta Revelação no Cristo, que é simultaneamente, o mediador e a plenitude de toda Revelação"[99].

"Anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, sua pessoa, vida morte e ressurreição para proporcionar o encontro pessoal com Cristo, na comunidade, e ajudar a cada pessoa a adesão a ele e no compromisso de segui-lo, realizando a tarefa missionária confiada à Igreja[100]". Este é o objetivo específico do Projeto Nacional de Evangelização, que está e consonância com a carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte,* com a exortação Apostólica

[99] CONCÍLIO VATICANO II. *Lumem Gentium.* Petrópolis: Vozes, 1961, n. 2.
[100] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Projeto Nacional de Evangelização.* São Paulo: Paulinas, 2003, p. 20.

Evangelii Nunciandi, do Papa Paulo VI, as quais partem da centralidade da pessoa de Jesus Cristo, numa eclesiologia da comunhão e participação.

1.2. Atendimento personalizado e pastoral da acolhida

O CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), a pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizou uma pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras sobre os desafios do catolicismo na cidade e apontou prospectivas, as quais foram publicadas em 2002, no livro "Desafios do catolicismo na cidade", e no capítulo VII, Pe. Alberto Antoniazzi[101] comenta essa pesquisa no que se refere a Pastoral Urbana.

Antoniazzi fala em níveis de atuação da Pastoral Urbana e o primeiro deles é a pessoa, que ele domina como nível "micro":

> Devemos, antes de tudo, levar a sério a necessidade de *tratar as pessoas como pessoas,* valorizando os dons e a liberdade de cada uma. Não se trata de instaurar simplesmente um "atendimento personalizado" (como aquele que bancos e empresas modernas reservam aos clientes, sobretudo aos privilegiados, aos mais ricos), mas de repensar a vivência da fé cristã *assumindo a experiência pessoal como fundamental*. As pessoas procuram hoje "construir a si mesmas" ou "o cuidado de si mesmas". O tratamento que recebem da comunidade eclesial deveria mostrar realmente algo do amor ilimitado, incondicional, de Deus para com cada um de seus filhos[102].

Isso deve ser realizado a partir da pastoral da "acolhida", que de fato está tornando-se uma preocupação efetiva e positiva em muitas comunidades.Quando essa pastoral é levada a sério proporciona mudanças na catequese e em toda a pastoral sacramental, levando em consideração a diversidade de crenças e atitudes entre os próprios católicos, deixando de fazer as mesmas exigências a todos, sem distinção, nos "cursos" ou encontros de preparação para batismo, primeira comunhão, crisma, matrimônio. Distinguindo as pessoas que têm graus muito diferentes de familiaridade com a doutrina e a prática católicas, quando o atendimento deveria ser diferenciado, possivelmente *personalizado*, à medida de cada um.

Para um povo que busca na religião o caminho da realização pessoal, da saúde corporal e espiritual, da descoberta do sentido e do gosto de viver. A proposta religiosa cristã é propicia, pois, valoriza a pessoa e se funda essencialmente na revelação do amor de Deus para com toda criatura humana. "Portanto, o evangelizador deve ter consciência de que, mesmo em se tratando da 'Boa-Nova', não pode impor, nem receberá audiência fácil, mas deverá esforçar-se para persuadir o ouvinte, pelo testemunho de vida e por uma argumentação sincera

---

[101] Pastoralista, assessor do Instituto Nacional de Pastoral (INP)

[102] CENTRO DE ESTATÍSCA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. *Desafios do catolicismo na cidade* .São Paulo: Paulus, 2002. p.263.

e rigorosa, que estimule no interlocutor a busca da verdade, respeitando, porém, sua liberdade de escolha"[103].

1.3. Ir ao encontro

A Pastoral Urbana deve receber do dinamismo próprio das cidades algumas de suas características, tais como, o atendimento personalizado, pois, as pessoas buscam em primeiro lugar o encontro pessoal, o relacionamento solidário e fraterno, a acolhida. O encontro é o primeiro dom ou carisma que o Espírito Santo concede às pessoas e é ele, o Espírito Santo, o protagonista da missão, aquele que chega primeiro[104].

Nas metrópoles brasileiras as pessoas deixam progressivamente de procurar a Igreja Católica por ser uma religião de sua família e da tradição cultural. Por isso, o agente de pastoral não pode mais ficar esperando que os fiéis o procurem, mas deve procurá-los, aproximar-se deles, procurar convencê-los e ajudá-los a descobrir a grandeza e a beleza da fé cristã e da vida fraterna numa comunidade cristã católica. Deverá ter um estilo pastoral mais acolhedor e menos assustador. Deverá ter consciência de que a religião católica encontra hoje a concorrência de outras religiões, e que a mentalidade moderna não aprecia a imposição dogmática da verdade, mas quer uma religião que proponha seu ponto de vista deixando a liberdade do indivíduo[105].

A variedade e a multiplicidade de ações não permite à evangelização somente o atendimento aos que procuram, mas exige o ir ao encontro dos outros e retomar a prática evangélica das visitas às casas[106].

1.4. Formação de agentes

O pluralismo religioso e a complexidade da sociedade urbana exigem que a Igreja procure investir na formação de pessoal especializado (TVs católicas, Universidades católicas). Investir no essencial, na capacidade inovadora.

"A vocação apostólica dos leigos e leigas, bem como sua formação, e novas formas de organização da vida eclesial no mundo urbano e nas áreas mais marcadas pela mobilidade

---

[103] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* São Paulo: Paulinas, 2005, 98.
[104] Cf. Ib. 99.
[105] CENTRO DE ESTATÍSCA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. *Desafios do catolicismo na cidade.* São Paulo: Paulus, 2002, p.265.
[106] Cf. Mt 10, 11-14; Mc 6, 10-11; Lc 10, 5-7.38-42.

humana devem ser mais incentivadas”[107]. A formação dos leigos de acontecer na soma dos esforços tanto por parte do clero, como dos leigos. Desde os Círculos Bíblicos dos grupos de rua até os Cursos de Ciências da Religião nas Universidades será fundamental a efetivação da formação dos leigos e leigas, mesmo em função das dificuldades internas da Igreja até os novos desafios da sociedade.

1.5 Os mais pobres e excluídos

Na prática isso deve ser traduzido em iniciativas que ajudem as pessoas a alcançar, primeiro num plano humano, sua formação e desenvolvimento, priorizando os mais pobres e excluídos. Nestas iniciativas estão acolhida, orientação, atenção às necessidades básicas, educação, cursos de formação profissionalizante, serviços de terapia e situações especiais, como, idosos, migrantes, dependentes químicos.

1.6 As exigências intrínsecas da evangelização

Merece destaque um diálogo integral, orientado ao conhecimento, à escuta, à compreensão dos valores de cada um, somente no diálogo a pessoa pode realizar-se. A pessoa se desenvolve a partir da comunicação, a começar pela família.

O anúncio deve considerar também “o mundo íntimo da pessoa, a verdade sobre o ser humano, ‘primeira e fundamental via da Igreja’”[108].

Faz-se necessário na Pastoral Urbana estar imbuído do espírito urbano, compreendendo com clareza toda a dinâmica da cidade, com relação ao ser humano, em suas condições e expectativas. Antes de tudo é preciso tratar bem qualquer pessoa, dar acolhida especial àquelas que buscam a Igreja mesmo sem ter nenhuma participação na comunidade. Ouvir, buscar compreender seus anseios, suas necessidades, sem rotular, nem classificar.

O testemunho eclesial seja de comunidade fraterna tanto vivência da vocação como na visibilidade da Igreja. Nos meios urbanos com estruturas eclesiais maiores e mais complexas faz-se necessário a formação de pequenas comunidades, construindo uma participação mais direta e pessoal.

---

[107]CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* São Paulo: Paulinas, 2005, 61.
[108] JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis.* No. 14

1.7. Os meios de comunicação

"Na sociedade atual, principalmente nas grandes cidades, é cada vez mais difícil para as pessoas encontrarem com outras fora de casa, nos horários noturnos para celebrações. Diminui o número dos que freqüentam atividades comunitárias ou assembléias litúrgicas. A facilidade de encontrar programas radiofônicos e televisivos de caráter religioso leva muitas pessoas a dispensarem a ida à igreja, na semana e mesmo aos domingos. É preciso estimular a vida comunitária, mas não podemos ignorar o novo contexto. Temos o dever de oferecer às pessoas programas de boa qualidade para a espiritualidade cristã, mediante os novos meios de comunicação, que aliás, penetram para além do mundo urbano, em todos os cantos, mesmo os mais remotos, do País, sem deixar de conscientizar acerca do valor da presença na igreja".[109]

1.8. Juventude

Desafio mais amplo é o da contribuição da Igreja à educação das novas gerações. É preciso ajudar as famílias na educação dos filhos, num contexto em que estas sofrem uma concorrência geralmente prejudicial de outras instituições e particularmente da televisão.

Mais especificamente, questiona-se se a pedagogia pastoral se inspira na prática e na pedagogia de Jesus. Não é fácil, nem mesmo para os exegetas, reconstruir essa pedagogia. Mas é possível superar aquela interpretação demasiadamente doutrinária e escolar que dela foi dada na Idade moderna. Projetou-se em Jesus um modelo de "mestre" autoritário e dono da verdade, que ele não encarnou e, antes, condenou nos escribas de sua época. O "*poreuthéntes oûn matheteúsate*" (Mt 28,19) foi traduzido "Ide e ensinai", quando significa "ide e fazei discípulos", ou seja, irmãos (cf. Mt 23,8). Jesus, em seu ensinamento, parece querer despertar a reflexão das pessoas, o discernimento da vontade de Deus e a resposta positiva, ativa, a esta vontade. Essa resposta conduz a participar da comunidade fraterna dos discípulos. É o que somos chamados a fazer hoje.

---

[109] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.* 5ª edição. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 71.

2. REDE DE COMUNICAÇÃO

A paróquia urbana deve ser sinal e realização da Comunhão da Santíssima Trindade, que convoca toda a humanidade, em sua pluralidade, a viver na unidade dos seres humanos, a viver na comunhão fraterna, nisto se completam a o sentido da paróquia e da cidade, ambas existem para a comunhão humana. Isso se dá de forma concreta quando a generatividade humana e a maturidade de fé se dispõem a trabalhar nas diferenças, a partir de um diálogo sincero, maduro, sem proselitismo.

Com essa compreensão é possível transformar as estruturas de evangelização, tornando-as novas, no dinamismo e na complexidade da cidade cultivando a identidade cristã (o amor). A paróquia urbana compreende uma mística de vida que exige uma mentalidade sempre em mudança[110], sempre em estado de missão, caracterizado pela descentralização dos espaços e funções, priorizando a reflexão e o planejamento em conjunto[111].

Inculturação, rompimentos de espaços territoriais, aberturas para as diversas instâncias de relacionamento, diversidade de ministérios, diálogo com a pluralidade, comunicativa nos modos de expressão são palavras chaves para a vida novas das paróquias urbanas.

O enfraquecimento das relações comunitárias não dispensa a paróquia de oferecer, como indica o Papa João Paulo II na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, a celebração da Eucaristia dominical e dos sacramentos e diversas formar e oportunidades de anúncio da Palavra. Antes, tudo isso se torna mais precioso e indispensável. Não menos indispensável é o "testemunho do amor", que faz de nossas igrejas "casa e escola de comunhão[112]", onde principalmente os pobres se sintam "em casa". Casa como intimidade e escola como aprendizado.

---

[110] Cf. BRIGHENTI, A. *Reconstruindo a esperança.* São Paulo: Paulus, 2000, p. 10.
[111] Cf. Ib. p. 37-39.
[112] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte.* Op. cit., 43.

2.1. Comunhão humana na comunhão divina

"Para a construção da paz são de todo indispensáveis a vontade séria de respeitar os outros homens e povos e sua dignidade, bem como o exercício diligente da fraternidade".[113] A comunhão é o fruto e a expressão daquele amor que, brotando do coração do Pai eterno, se derrama em nós por meio do Espírito que Jesus nos dá (cf. Rm 5,5). Ao realizar essa comunhão de amor, a Igreja manifesta-se como "sacramento, ou sinal, e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo gênero humana"[114].

Uma espiritualidade de comunhão, em primeiro lugar é ter o olhar do coração voltado para o mistério da trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor. Significa também a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo Místico de Cristo, para oferecer-lhe uma verdadeira e profunda amizade. É ainda a capacidade de ver antes de tudo o que há de positivo no outro. Por fim, é saber "criar espaço", para o irmão, levando "os fardos uns aos outros" (Gl 6,2)[115].

A Paróquia Urbana responde aos atuais desafios da cidade experienciando a espiritualidade da comunhão, traduzido em: educação ao relacionamento solidário, com promoção de projetos comuns, com pessoas "diferentes", que não fazem parte da experiência de vida de grupo; a mesma proposta também pode-se dar com as famílias nas diversidades de situações; no empenho para o desenvolvimento das políticas públicas ou iniciativas solidárias próprias da comunidade; diálogo com as mais diversas formas de organizações e necessidades urbanas. Pois, a espiritualidade da comunhão da Paróquia Urbana só será autentica quando estiver em diálogo com o mundo e suas problemáticas.

2.2. Novas estruturas eclesiais

"Especial destaque merece a pastoral urbana, com a criação de estruturas eclesiais novas que, sem desconhecer a validade da paróquia renovada, permitam que se enfrente a problemática das enormes concentrações humanas e as novas formas de cultura em gestação"[116].

"As divisões entre as paróquias devem ser flexibilizadas, colocando o bem do povo acima de uma concepção territorial estreita e inadequada à realidade da grande cidade.

---

[113] CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*,Constituição Pastoral, 78.
[114] CONCÍLIO CATICANO II. *Lumem Gentium.* Constituição Dogmática 01.
[115] Cf. JOÃO PAULO II. *Novo Millenio Inuente.*Carta Apostólica,43.
[116] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina.* 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983, 152.

Equipes pastorais podem servir mais eficazmente áreas urbanas compostas por várias comunidades”[117].

> “Exemplos de caminhos novos são:
> - multiplicar e diversificar as comunidades eclesiais nas periferias e em ambientes específicos;
> - incentivar a reflexão e o planejamento pastoral em comum entre paróquias da mesma cidade ou área;
> - criar ou desenvolver pólos ou centros de evangelização que atendam a mobilidade da população urbana e que ofereçam oportunidades múltiplas de contato com a mensagem evangélica e a experiência eclesial;
> - tecer uma rede de comunicação e contatos com aqueles cidadãos que dificilmente conseguem ligar-se de forma permanente com a comunidade estável”[118].

“Por outro lado, reconhece que a vida urbana e as transformações industriais levantam problemas até agora desconhecidos. Em seu interior se modificam os modos de vida e as estruturas habituais da vida: a família, a vizinhança, a organização do trabalho. Alteram-se igualmente as condições de vida do homem religioso, dos fiéis e da comunidade cristã”[119].

2.3 Inculturação

“Realizar uma pastoral urbanamente inculturada com relação à catequese, à liturgia, e á organização da Igreja. A Igreja deverá inculturar o Evangelho na cidade e no homem urbano. Discernir seus valores e antivalores; captar sua linguagem e seus símbolos. O processo de inculturação abrange o anúncio, a assimilação e a reexpressão de fé”[120].

“Reprogramar a paróquia urbana. A Igreja na cidade deve reorganizar as suas estruturas pastorais. A paróquia urbana deve ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma ação pastoral transparoquial e supraparoquial. Além disso, a estrutura da cidade exige uma pastoral especialmente pensada para essa realidade. Lugares privilegiados da missão deveriam ser as grandes cidades, onde surgem novas formas de cultura e comunicação”[121].

---

[117] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 1999 – 2002.* São Paulo: Paulinas, 1999, 234.
[118] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2003 – 2006.* São Paulo: Paulinas, 2003, 196.
[119] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Puebla.* 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983, 431.
[120] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Santo Domingo.* São Paulo: Vozes, 1993, 256.
[121] Ib. 257.

2.4. Formação

"Promover a formação de leigos para a pastoral urbana, com formação bíblica e espiritual; criar ministérios conferidos aos leigos para a evangelização das grandes cidades"[122].

"A caridade das obras garante uma força indubitável à caridade das palavras"[123]. Fundamentada nesta afirmação as diretrizes atuais da Igreja ampliam sua orientação sobre o aspecto formativo, sugerindo que a comunidade apóie a educação fundamental, os cursos profissionalizantes e superiores, desde a formação integral da pessoa, com espírito crítico e até serviços funcionais ou específicos por idades.

2.5. Pluralidade de espaços e formas de evangelização

Multiplicar as pequenas comunidades, os grupos e movimentos eclesiais, e as comunidades eclesiais de base. Iniciar a chamada 'pastoral dos edifícios', mediante a ação de leigos comprometidos que vivam neles"[124].

"Programar uma pastoral ambiental e funcional, diferenciada segundo os espaços da cidade. Uma pastoral de acolhida, dado o fenômeno das migrações. Uma pastoral para grupos marginalizados. Assegurar a assistência religiosa aos habitantes das grandes cidades durante os meses de verão e de férias; dispensar atenção pastoral aos que passam habitualmente os fins de semana fora da cidade, onde não têm possibilidade de cumprir o preceito dominical"[125].

"Incentivar a evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade, no sentido de fazer da mesma, principalmente nos bairros populares, um *habitat* digno do homem"[126].

"Promover no âmbito continental (CELAM), nacional e regional, encontros e cursos sobre evangelização das grandes metrópoles"[127].

---

[122] Ib. 258.
[123] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte.* Op. cit., 50.
[124] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Santo Domingo.* São Paulo: Vozes, 1993, 259.
[125] Ib. p. 260.
[126] Ib. p. 261.
[127] Ib. p. 262.

2.6. Rede de comunicação

A metrópole pode ser um ambiente de rede de comunidades? Ou uma grande rede de comunicação? É evidente que não se deve ser Igreja sem rede de comunidades. Porém, deve ser também na grande metrópole rede de comunicação.

> "Quanto mais urbana e moderna for a realidade, tanto mais deveremos *modernizar as nossas estruturas intermediárias*, desenvolvendo atividades pastorais de nível urbano, que completem e reforcem o trabalho pastoral das paróquias (ex.: toda a área dos meios de comunicação deve ser pensada em nível diocesano ou inter-diocesano). Em termos gerais, devemos nos questionar se a metrópole pode ser o ambiente de uma "rede de comunidades" ou se poderia ser pensada e trabalhada como uma *grande rede de comunicação*, na qual o fiel católico tem *múltiplas* possibilidades de comunicar com a palavra e a vida da Igreja (pela TV, pelo rádio, pelos impressos, pela leitura da Bíblia e dos grandes textos cristãos, pelos CDs e outros subsídios para a música e a oração, pela participação na assembléia dominical e nos grupos – de oração, de reflexão, de evangelização, pelo desempenho de tarefas pastorais, permanentes ou ocasionais...)"[128].

O próprio termo "comunidade", porém, não tem mais uma significação unívoca em nosso contexto. Não devemos, inadvertidamente, identificar a comunidade com a comunidade rural ou a pequena comunidade de vizinhos, com fortes relações primárias. O mundo urbano e tanto mais o mundo atual das grandes cidades e da comunicação de massa desagrega os laços comunitários e cria formas de individualismo, anonimato, até mesmo anomia. No mundo da modernidade, as relações sociais se constroem sobre outra base, que implica afinidade de interesses, escolhas, decisões.O ar da cidade os torna livres.

No mundo urbano e nas megalópoles deve-se compreender a paróquia não mais como aquela realidade relativamente isolada e auto-suficiente, que até a pouco existia no meio rural e nas pequenas cidades. Devemos compreendê-la e adaptá-la ao mundo da grande cidade e das modernas comunicações. "Essas mudanças podem ser descritas sumariamente como *abrir a paróquia* tanto para "baixo" – multiplicando grupos, comunidades menores, movimentos, pastorais, com maior autonomia para o ministério dos leigos – quanto para "cima", integrando a paróquia na forania ou na região episcopal ou nas estruturas diocesanas"[129].

Essa estrutura nova da paróquia deve ser entendida também nas organizações com agentes de pastoral, comissões, conselhos, grupos de base, como meios de comunicações integrados, desde o boletim paroquial até os informativos da CNBB, incluindo a Internet.

A paróquia urbana situa-se numa realidade muito diversificada, que tende a separar, mais nitidamente que no passado, ricos e pobres, bairros de classe A e conjuntos populares ou

[128] CENTRO DE ESTATÍSTICAS RELIGIOSAS E INVESTIGAÇÕES SOCIAIS. *Desafios do catolicismo na cidade.* São Paulo: Paulus, 2002, p. 264.
[129] Ib. p. 264.

favelas. As paróquias centrais podem prestar serviços de nível urbano (abertos a toda a cidade); as paróquias de periferia podem desenvolver comunidades locais, que ainda são viáveis e úteis nesse contexto.

2.7. Centros de evangelização

> "Na cidade é que se encontram em gestação as novas formas de cultura. Daí a necessidade de se buscar caminhos, a experiência e na imaginação, para a pastoral urbana. Por outro lado, é preciso multiplicar e diversificar, segundo as especificidades do meio urbano, dentro de interesses e necessidades grupais, comunidades eclesiais que suscitem, eduquem e apóiem a experiência da fé a partir da Palavra, da Eucaristia, da comunhão fraterna e do empenho no serviço dos irmãos. Por outro lado, é preciso criar e desenvolver pólos ou centros de evangelização, que atendam à mobilidade da população urbana, que ofereçam oportunidades múltiplas de contato com a mensagem evangélica e a experiência eclesial, que possam tecer uma rede de contatos com aqueles cidadãos que mais dificilmente conseguem ligar de forma permanente com a comunidade de forma estável"[130].

Os centros de evangelização urbanos devem ser espaços para as pastorais, os grupos e movimentos, com o objetivo de infundir, reforçar e alimentar o espírito de evangelização, criar visibilidade da ação evangelizadora da Igreja, formar o conjunto e promover a formação dos agentes pastorais, bem como, ser pólo de prestação de serviços a população carente, tanto como vias de facilitação ao povo para preparação aos sacramentos, como cursos dos mais diversos e até atendimento odontológico de crianças carentes, por exemplo, com profissionais voluntários.

Na dinâmica da cidade isso é possível, embora não se devem confundir as funções, pois, acima de tudo, os centros de evangelização não são estruturados para responder por responsabilidades sociais, elas são funções dos poderes públicos instituídos.

2.8. Pastoral de Conjunto e o novo ministério presbiteral

O Papa quando fala dos programas pastorais das Igrejas locais não esquece que eles exigem "métodos de trabalho, formação e valorização dos agentes, busca dos meios necessários[131]". Aqui talvez se coloquem os maiores desafios para a Igreja Católica no Brasil, hoje.

O esforço pastoral realizado desde os anos 60, na linha da concretização das opções do Vaticano II, que a CNBB assumiu - de forma plena e por certos aspectos única - num Plano de Pastoral de Conjunto, envolvendo Regionais, Dioceses, Paróquias, Institutos religiosos,

---

[130] CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, 1995 – 1998.* São Paulo: Paulinas, 1995, 232.
[131] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte.* Carta Apostólica.São Paulo: Paulinas, 2001, 29.

Movimentos, Pastorais, levou a uma diferenciação dos ministérios e a uma valorização da co-responsabilidade de todos os batizados. A nova concepção eclesiológica e o novo dinamismo pastoral modificaram o papel do padre, que deixou de ser o único protagonista da pastoral e exigiu dele mais uma função de "maestro", de regente de orquestra, de animador de toda a comunidade[132].

Restam, contudo, dois graves problemas: 1) o tamanho das paróquias urbanas, que está acima (em algumas Capitais, muito acima) da média nacional, já elevada; 2) a existência de cerca de 70.000 comunidades eclesiais, no meio rural ou em pequenos centros, sem presença de presbíteros, que no domingo realizam celebrações da Palavra sob a presidência de animadores leigos.

No primeiro caso, corre-se o risco de ter um atendimento insuficiente do povo e um esgotamento prematuro das forças físicas e espirituais do padre. Acrescente-se ainda a advertência de que o número de católicos praticantes que permanecem, mesmo nas metrópoles, e podem ser 20-30% do total dos católicos, é suficiente para criar uma ilusão de ótica e levar a conclusões pastorais equivocadas. Quando o pároco tem vários milhares de católicos praticantes para cuidar, além de outros que ainda procuram certos sacramentos, como o casamento para si e o batismo para os filhos, o trabalho pastoral de rotina (especialmente a administração dos sacramentos) se torna tão pesado, que impede ao pároco de cuidar das *novas exigências* do seu público potencial. Pior: o pároco é inclinado a recusar toda novidade na ação pastoral, porque não suporta mais trabalho e particularmente o trabalho desgastante de lidar com o novo, o desconhecido, que exige mais preparo e muitas vezes a paciência da aprendizagem na base de "ensaio e erro". Numa sociedade em rápida mudança, em que há necessidade de *lideranças inovadoras,* o trabalho pastoral está correndo o risco da perda de qualidade.

No segundo caso, ou seja, nas comunidades sem padre, também estamos expostos a perigos pastorais não pequenos, que foram denunciados com certa veemência no 9º Encontro Nacional de Presbíteros. Volta a angustiada pergunta: como conciliar a convicção católica do eminente valor da Eucaristia com a falta de ministros para presidi-la? Não há um apelo – um sinal da vontade de Deus – para rever, parcialmente, as regras canônicas para a ordenação de presbíteros?

---

[132] Cf.VALLE, E; BENEDETTI, L.R.; ANTONIAZZI, A. *Padre, você é feliz?- uma abordagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros dos Brasil.* São Paulo: Loyola, 2003, pp 87-142.

2.9. Pluralismo religioso

A nova situação pastoral de pluralismo religioso e a complexidade da sociedade urbana exigem também, muito mais que no passado da civilização rural, pouco diferenciada, que a Igreja procure *investir na formação de pessoal especializado.* Só este pode atuar "profissionalmente", com competência, sem amadorismo e improvisação, especialmente naqueles aspectos da vida urbana e eclesial que a paróquia não pode assumir. O campo da comunicação de massa é um dos campos que merece investimento e espírito crítico. Em geral, não se pode pensar que a pastoral do futuro esteja apoiada (como agora quase em todo lugar está) sobre o pároco que sozinho enfrenta a multiplicidade e a diversidade crescente dos problemas pastorais de uma paróquia. A pastoral deverá sempre mais ser assumida pelo bispo com seu presbitério e com ampla participação de equipes de religiosos(as) e leigos(as), devidamente preparados.

3. PRESENÇA PÚBLICA DA IGREJA

A presença pública da Igreja nas grandes cidades faz-se, sobretudo através dos meios de comunicação, numa espiritualidade de diaconia, compreendendo ser a Igreja também uma presença em meio a tantas manifestações. E, numa nova cultura que ao mesmo também precisa ser respeitada, valorizada, mas também criticada em suas "impurezas".

3.1. A Pastoral Urbana nos meios de comunicação

A cidade é o lugar da mudança, da dinâmica, da pluralidade, da tecnologia e da comunicação. Por isso, um dos meios importantes de evangelização na cidade é a comunicação. A comunicação está presente na vida do ser humano, não se vê o ser humano na pós-modernidade sem estar em contato com algum meio de comunicação.

Onde está presente uma pessoa, está presente um meio de comunicação. É certo que a melhor comunicação se dá de pessoa para pessoa, mas este mundo midiático associa-se a pessoa, a comunicação, e a pluralidade de espaços. O critério de prioridade da evangelização é a pessoa, onde está o ser humano, aí deverá estar a Igreja Missionária, o anúncio dos valores do evangelho.

Nos shoppings, nos conjuntos habitacionais, no mundo do trabalho, do lazer, da cultura, nas praças, nas ruas, nas associações, nos centros, nas periferias, nos edifícios, na dinâmica do mundo do turismo, nos meios de transporte sempre é possível uma mensagem de esperança, um pronunciamento de opiniões, uma proposta de ação social, que pode ser visualizada, ouvida, sempre há um *outdoor*, um rádio, uma televisão ao redor.

3.2 A Igreja e as megalópoles

"Jesus Cristo é, com efeito, a medida de toda cultura e de toda obra humana"[133].

[133] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Santo Domingo.* São Paulo: Loyola, 1992, n. 13.

A Igreja tem uma responsabilidade também com relação à sociedade e às suas "macro-estruturas" econômicas, políticas e culturais. De fato, a Igreja – diante das mudanças sociais e das novidades da economia e da política – tem desenvolvido uma própria "doutrina social". As mudanças atuais são de tal envergadura que estão a exigir um novo desenvolvimento da "doutrina social". Os cristãos devem contribuir, mais criativamente, para *repensar a sociedade* atual. Uma nova civilização (de *civitas,* cidade) é necessária, para além da modernidade e de suas contradições. Ela deverá garantir, entre outros direitos, a verdadeira liberdade religiosa, ou as condições para que toda pessoa possa escolher e praticar livremente a sua religião.

Enquanto os rumos de uma nova sociedade estiverem em gestação, a Igreja não pode deixar de exercer sua *diakonia,* sua missão de serviço para aliviar ou curar os sofrimentos das inúmeras vítimas da atual dramática deterioração das relações sociais.

> No nosso tempo, de fato, são muitas as necessidades que interpelam a sensibilidade cristã. Nosso mundo começa o novo milênio carregado com as contradições de um crescimento econômico, cultural e tecnológico que oferece a pessoas afortunadas grandes possibilidades e deixa milhões e milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas a braços com condições de vida muito inferiores ao mínimo que é devido à dignidade humana. Como é possível que ainda haja, em nosso tempo, alguém que morra de fome, esteja condenado ao analfabetismo, viva privado dos cuidados médicos mais elementares e não tenha uma casa onde abrigar-se? E o cenário da pobreza poderá ampliar-se indefinidamente, se às antigas pobrezas acrescentarmos as novas[134].

"Assim sendo, nas atuais circunstâncias, a Igreja não alenta o ideal da criação de megalópoles que se tornam irremediavelmente desumanas, como tampouco de uma industrialização acelerada que as atuais gerações tenham que pagar às custas de sua própria felicidade, com sacrifícios desproporcionais"[135].

3.2 Nova cultura

"A necessidade de traçar critérios e caminhos, baseados na experiência e na imaginação, para uma pastoral da cidade, onde se encontram em gestação os novos modos de cultura bem como o aumento do esforço evangelizador e promotor dos grupos indígenas e afro-americanos"[136].

"Na passagem da cultura agrária para a urbano-industrial, a cidade se transforma em propulsora da nova civilização universal. Esse fato requer um novo discernimento por parte

---

[134] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte* Carta Apostólica, 2000. São Paulo: Paulinas, 2001, p.76.
[135] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Puebla.* 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1983, 430.
[136] Ib. n. 441.

da Igreja. Globalmente, deve inspirar-se na visão da Bíblia, a qual ao mesmo tempo em que comprova positivamente a tendência dos homens à criação de cidades onde conviver com um modo mais associado e humano, é crítica a dimensão desumana do pecado que nelas se origina”[137].

Na cidade, as relações com a natureza se limitam, quase sempre e pelo próprio ser da cidade, ao processo de produção de bens de consumo. As relações entre as pessoas se tornam amplamente funcionais e as relações com Deus passam por uma acentuada crise, porque falta a mediação da natureza, tão importante na religiosidade rural e porque a modernidade tende a fechar o homem dentro da imanência do mundo. As relações do homem urbano com ele mesmo também mudam, porque a cultura moderna faz com que valorize principalmente sua liberdade, sua autonomia, a racionalidade científico-tecnológica e, de modo geral, sua subjetividade, sua dignidade humana e seus direitos. Com efeito, na cidade encontram-se os grandes centros geradores de ciência e tecnologia moderna.

Nossas metrópoles latino-americanas têm como característica atual periferias de pobreza e miséria, que quase sempre constituem a maioria da população, fruto de modelos econômicos exploradores e excludentes. Até o campo se urbaniza pela multiplicação das comunicações e transportes.

“Por sua vez, o homem urbano atual apresenta um tipo diverso do homem rural: confia na ciência e na tecnologia; é influenciado pelos grandes meios de comunicação; é dinâmico e voltado para o novo; consumista, audiovisual, anônimo na massa e desarraigado”[138].

Na cidade a fé possui uma nova sensibilidade religiosa, no pluralismo urbano, ela deve ser comunicada por todos os meios. Porém, sem entrar na batalha da mídia, pelo uso e abuso da propaganda. A resposta de fé uma adesão livre. “Não se trata de arrebanhar pessoas para a Igreja, mas de propor uma mensagem de conversão. Essa passa absolutamente pela liberdade de consciência e não pela sugestão e pela sedução propagandística”[139].

Atualmente as cidades levam as pessoas a uma dinâmica de vida que pode desembocar em dois caminhos, um que leva ao ativismo sem controle e outro que valoriza o cotidiano. E, a religião cristã tem muito a ver com a valorização do cotidiano. Deus está presente nas mínimas ações da vida. Nesta compreensão há uma mudança de referência do sagrado do

---

[137] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Puebla.* Op. cit., 429.
[138] CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. *Conclusões de Santo Domingo.* São Paulo: Vozes, 1993, 255.
[139] LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade.* São Paulo: Loyola, 2001, p.67.

espaço, pela mediação da experiência de Deus. “Não se busca uma Transcendência fora, impositiva, intrometida, invasora, mas, presente no coração mesmo das pessoas”[140].

No mundo urbano, a pessoa fica desarraigada da fé, da cultura, dos familiares, nisso cabe uma proposta pertinente da pastoral urbana: conjugar referências maiores, oferecidos pela grande comunidade eclesial, com a vivência pessoal deles em pequenas comunidades. As comunidades maiores garantem o fervor, a constância, e os círculos menores a convivência, a acolhida. O papa Paulo VI já mencionava de criar novos modos de convivência para superar a promiscuidade urbana:

> “Construir a cidade, lugar de existência dos homens, e de suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e relações, descortinar uma aplicação original de justiça social, assumir, enfim, o encargo desse futuro coletivo, que se prenuncia difícil é uma tarefa em que os cristãos devem participar. A esses homens amontoados numa promiscuidade urbana que se torna intolerável é necessário levar uma mensagem de esperança, mediante uma fraternidade e uma justiça concreta”.[141]

[140] Ib. p.69.
[141] PAULO VI. *Octogésima adveniens.*,Carta Apostólica. São Paulo: Paulinas, 1971, 12.

CONCLUSÃO

Há uma definição própria de cidade, revelada por ela mesma, ao longo de sua história, desde a revolução agrícola até a revolução pós-industrial, atual. Em cada época ela se apresentou de uma forma, e uma vez determinada, talvez sempre se tenham mantido tais características. Atualmente Cidade é complexidade, é rapidez e circulação, é extensão ao infinito e interligação com outras cidades, transformação contínua na relação tempo e espaço, é conquista de poder, acúmulo de riqueza, registro histórico, comércio, indústria, habitação, trabalho, transporte, comunicação, liberdade, saber... Mas, também pobreza, violência, anonimato, solidão, desemprego.

Cidade é acima de tudo interação com o humano, com suas estruturas e características a cidade faz o homem, e o homem é um constante construtor de cidades, é uma dinâmica de relações recíprocas. Pode-se afirmar que a cidade também é a própria convivência humana: o lazer, as opções de escolha, o exercício da cidadania, a família, os amigos a comunidade. A cidade é um paradoxo econômico e político por sua riqueza e miséria, pelos dominantes e dominados. E cidade é um paradoxo em sua cultura que oferece liberdade em relação ao campo, e torna a cooperação em dependência.

Da mesma forma que a concepção de cidade está ligada concepção de homem, a concepção de urbanização também está ligada a concepção de homem. Neste sentido as cidades atuais vivem seus grandes dramas porque no passado a urbanização era pensada em função dos liberais, os quais ignoram a vida da população.

O êxodo rural e conseqüentemente a urbanização mundial estão ligados em grande parte às conquistas da tecnologia, mas também, aos anseios por “liberdade” que as ideologias ligadas ao sistema capitalista oferecem. Porém, a era industrial não respeitou o homem, que veio às cidades, mas continua alheio a elas.

A urbanização fez com que o homem acredite que a felicidade é o bem-estar corporal; que a felicidade é um bem privado, a conquista humana é sentir-se bem. “É a afirmação do corpo contra a mente, do reino do corpo contra o reino das idéias, das abstrações, das

teorias”[142]. Em conseqüência disso a busca de felicidade exclui os pobres, e leva a busca da felicidade nos bens econômicos revelando enormes carências, forçando busca de soluções imediatas com respostas subjetivas e privadas, inclusive na religião.

> A maioria dos problemas gerados pela cidade procede mais da nova cultura ocidental do que da estrutura da cidade. As cidades variam muito na história, e os problemas atuais das cidades são, em primeiro lugar, os problemas nascidos na nova cultura. Essa cultura se identifica, de certo modo, com a vida urbana atual, sobretudo nas grandes cidades. Mais do que um problema de oposição campo-cidade, encontramos um problema de oposição cultura antiga-cultura atual[143].

A cultura é tão determinante para a análise do fenômeno urbano, quanto à economia, política e religião. É por meio da cultura que o homem transforma a natureza e constrói cidades. A predominância atual é da cultura ocidental, dos homens, brancos, ocidentais, tecnológicos, é a sociedade moderna, com sua secularização, consumismo e subjetividade. Essa cultura se apresenta sobre tudo num universo plural. Há o pluralismo no pensar e no viver, na comunicação e no saber, na arte e na religião. Com características comuns definidas como cultura holística, cultura da imagem e do espetáculo, cultura de massa, globalizada e virtual.

É preciso acreditar que para se chegar a uma Pastoral Urbana faz-se necessário realizar uma leitura da cidade, não somente em sua Economia, Política, História, mas também, como foi apresentado aqui: a cidade relacionada ao homem e à cultura.

Feito o trabalho de observação da realidade neste enfoque **antropológico-cultural**, o segundo passo a ser dado é desenvolver o olhar da fé sobre a cidade. É pesquisar o que a Bíblia diz sobre a cidade.

Do campo à cidade, do jardim do Éden à Nova Jerusalém, a Bíblia narra uma longa dialética, representando a história da humanidade nos últimos milênios[144]. No Antigo Testamento a cidade é negada pela vida de Abraão que rompe com a cidade e se faz nômade, por Moisés que vai se encontrar com Deus no deserto. Os profetas fazem imprecações violentas contras as cidades, cujo símbolo maior é Babilônia: “assim Babilônia, a pérola dentre os reinos, o adorno e o orgulho dos caldeus, será como Sodoma e como Gomorra, que foram reduzidas a ruínas por Deus” (Is 13, 19). Porém, por si mesmas, essas cidades se afirmam, as cidades pagãs do Egito e da Mesopotâmia acreditam ser elas mesmas a salvação,

---

[142] COMBLIN, J. *Teologia da cidade.* Op. cit. p. 37.
[143] COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI.* Op. cit. p. 31.
[144] Cf. COMBLIN, J. *Teologia da Cidade.* Op.cit. p. 12.

a unidade e a comunhão humana, a "Torre de Babel" em Gn 11, 1-9 é o símbolo do orgulho humano, o mal das cidades não estavam em suas construções, mas na finalidade de suas construções que acreditavam construir a unidade humana sem Deus. Só Deus tem o segredo da comunhão humana. Por isso, Deus intervém, para que a humanidade avance na dialética da revelação divina e da fé humana. Até mesmo contra Jerusalém o povo da Israel teve suas restrições e o que se pode entender é que o Povo de Deus, nunca se submeteu às cidades, ele foi sempre comunidade em torno de uma aliança, de uma promessa, da palavra.

O Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo, redimensiona as experiências do Antigo Testamento, como um princípio reconciliador da comunhão humana, quebrando o dualismo Povo da Aliança e Cidade. Jesus, os discípulos e as primeiras comunidades foram as cidades, as aldeias. Jesus inaugurou um novo tempo, uma nova história, o tempo da Igreja, dos homens que ao mesmo tempo pertencem a Igreja e ao mundo. Cidade e Igreja interpelam-se e transformam-se, movidas pelas forças futuras da salvação. Numa evolução descontínua.

As forças da salvação estão na Nova Jerusalém. Habitação da Trindade, Cidade-Povo de Deus, Esposa do Cordeiro, expressão do sentido próprio da cidade. O texto do Apocalipse 21, 1-22 é a descrição da cidade de Deus, de um fato futuro, a salvação e o futuro da humanidade é a cidade, essa narrativa é testemunho daquilo que Deus realizará. A nova humanidade será a própria cidade. Não são homens que devem subir aos céus, mas Deus que desce à terra. Não são homens que devem inventar seus caminhos para buscar Deus, mas Deus que se torna presente nessa realidade humana que é a cidade. É Deus que virá habitar entre os homens, tornando-se seu concidadão"[145]. A casa de Deus não é a casa na cidade, é a própria cidade. É a comunhão na pluralidade "toda tribo, língua, povo e nação" (Ap. 5,9).

O desafio da comunhão humana perpassa por toda a Teologia da Cidade trazendo consigo os paradoxos das cidades e das buscas humanas expressadas em cooperação e separação, unidade na pluralidade e massificação cultural, liberdade e opressão. Por um lado esse tempo presente é tencionado por este paradoxo, mas fundamentalmente pelas forças futuras de salvação, da construção da Nova Jerusalém neste tempo de graça, até a vinda do Senhor.

É neste tempo que a Pastoral Urbana acontece, envolvendo os âmbitos da pessoa, da comunidade e da sociedade. Com a motivação do questionamento do livro dos Atos dos Apóstolos "Que Devemos fazer?" (2,37) e do impulso da Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* do Papa João Paulo II, olha-se para a cidade, reflete-se pela teologia e desenvolve-se

[145] Ib. p. 97.

uma prática evangelizadora que responda àquilo que se pergunta hoje, em sintonia com o homem e suas expressões culturais.

Será preciso desenvolver uma multiplicidade de ações em função da própria dinâmica da cidade. O homem concreto, a pessoa humana, imagem e semelhança de Deus, o pobre latino-americano e o próprio Cristo, sendo Deus revelado num rosto humano, revelam a desumanidade e a urgência urbana de tratar a pessoa como pessoa. Na Pastoral Urbana isso se traduz em atendimento personalizado e acolhedor, partir da condição de cada pessoa, dar a comunidades condições de multiplicidade de agentes capacitados em diversas áreas para o atendimento. No mundo urbano é preciso criar centros de escuta e encaminhamento para as soluções de problemas imediatos.

Não basta estabelecer centros é preciso também ir ao encontro dos afastados, nas metrópoles há muitas dificuldades pessoais de encontrar uma identidade de fé autêntica, por ao encontro para levar uma mensagem de esperança, que muitas vezes se traduz em companheirismo, amizades, convivências, laços estreitos, em meio às ilusões e explorações.

Para as pessoas e famílias que estão na caminhada eclesial deve-se priorizar a formação bíblica desde os grupos de rua até os cursos de Ciências da Religião nas Universidades, priorizando os mais pobres e excluídos. Trabalhar sempre uma evangelização integra que desenvolva ações nas várias dimensões religiosas, tais como, anúncio, testemunho da comunhão, serviço e diálogo.

Dois aspectos são imprescindíveis na evangelização da pessoa na Pastoral Urbana, os meios de comunicação e a juventude. As pessoas cada vez mais encontram dificuldades nos horários e por isso, é fundamental uma comunicação direta pelo rádio, pela tv e outros meios que chegam até a pessoa. A cidade rompe com a tradição religiosa nas famílias, por isso, e educação das novas gerações é uma prioridade.

Outro âmbito essencial de evangelização da Pastoral Urbana é a paróquia. Ela deve ser sinal e realização da Comunhão da Santíssima Trindade. O enfraquecimento das relações comunitárias não dispensa a paróquia de oferecer, como indica o Papa João Paulo II na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte,* a celebração da Eucaristia dominical e dos sacramentos e diversas formar e oportunidades de anúncio da Palavra. Antes, tudo isso se torna mais precioso e indispensável. Não menos indispensável é o "testemunho do amor", que faz de nossas igrejas "casa e escola de comunhão[146]", onde principalmente os pobres se sintam "em

[146] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte.* Op. cit., 43.

casa”. Casa como intimidade e escola como aprendizado. Vivendo a espiritualidade da comunhão.

As paróquias devem ser reestruturadas, isto é, devem ser flexibilizadas, colocando o bem do povo acima das estruturas territoriais. Para isso, são imprescindíveis os planejamentos, a pastoral orgânica e de conjunto. Inculturar o Evangelho na cidade significa criar novas formas de cultura e comunicação.

A cidade exige pluralidade e multiplicidade dos espaços e formas de evangelização, como por exemplo, a pastoral dos edifícios, a pastoral dos condomínios, a pastoral dos moradores de rua, pastoral ambiental e pastoral funcional.

Uma grande concepção que se deve ter da paróquia é que ela seja uma rede de comunicação, no sentido de multiplicar as possibilidades de comunicar a Palavra e a vida da Igreja. Quanto à gestação de novos espaços é preciso criar centros de evangelização que atendam a mobilidade da população urbana.

A Pastoral Urbana deve ter uma presença pública, para apresentar o anúncio do Evangelho, a Doutrina Social, a visão ética e moral diante das ciências e da política do país, para opinar sobre as manifestações culturais em vista da comunhão humana e da realização da Nova Jerusalém aqui na terra.

Em se tratando de um assunto relevante pode-se concluir que essa pesquisa atingiu seus objetivos. A Pastoral Urbana é fundamental para a evangelização da Igreja. Para o autor, essa dissertação valeu como um aprendizado da pesquisa, na medida em que o trabalho foi sendo elaborado, foi-se também aprendendo a ser metodológico, a ter disciplina no estudo e na pesquisa, principalmente em conjugar o amor pela pastoral com a sabedoria que há nela, expressando um projeto de vida. Na verdade essa dissertação levou seu autor a firmar convicções e clareza de um projeto de vida cuja finalidade é a participação na construção do Reino de Deus.

A contribuição dessa pesquisa para a Teologia está em apresentar uma linguagem e um enfoque simples, sucinto, distinto e conseqüentemente bastante acessível, sobre algumas características da Pastoral Urbana, a partir da concepção atual da cidade relacionada com alguns textos bíblicos sobre a cidade. Fica o desejo de que este texto possa ajudar a muitos agentes de pastoral a compreender melhor sua missão evangelizadora.

Bibliografia

Básica

BÍBLIA: *A Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulinas, 2002.

COMBLIN, J. *Comunidades Eclesiais e Pastoral Urbana*, **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 30, p. 783-828, [dez.] 1970.

COMBLIN, J. *Cristãos rumo ao século XXI.* São Paulo: Paulus, 1996.

COMBLIN, J. *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2002.

COMBLIN, J. *Pastoral Urbana.* Petrópolis: Vozes, 1999.

COMBLIN, J. *Teologia da cidade.* São Paulo: Paulinas, 1991.

COMBLIN, J. *Viver na cidade. Pistas para a pastoral urbana.* São Paulo: Paulus, 1996.

INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL (Org.). *Presença Pública da Igreja no Brasil.* São Paulo: Paulinas, 2003.

LIBANIO, J. B. *As lógicas da cidade*.São Paulo: Loyola, 2001.

LOPES GONÇALVES, P. S.; BOMBONATTO, I. (Orgs.). *Concílio Vaticano II análise e prospectivas.* São Paulo: Paulinas, 2004.

RABUSKE, E. A. *Antropologia Filosófica*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes 1987.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANTOS, M. *A metrópole: modernização, involução e segmentação, in Valladares*, L., PRETECEILLE, E. *Reestruturação urbana. Tendências e debates*. São Paulo: Nobel, 1990.

Complementar

ANTONIAZZI A.; CALIMAN C. (Orgs.). *A presença da Igreja na cidade*.Petrópolis: Vozes, 1994.

BRIGHENTI. A. *Reconstruindo a esperança.* São Paulo: Paulus, 2000.

BRONOWSKI, J. *A escalada do homem*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/UnB, 1979.

CALIMAM, C. *A sedução do sagrado.* Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTIÑEIRA, A. *A experiência de Deus na pós-modernidade.* Petrópolis: Vozes, 1997.

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAS. *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2002.

CENTRO DE ESTATÍSTICA RELIGIOSA E INVESTIGAÇÕES SOCIAS. *Atlas da afiliação religiosa.* São Paulo; Loyola, 2003.

COBO FERNÁNDEZ, J. (org). *A presença da Igreja na cidade II: Novos desafios, novas abordagens*. Petrópolis: Vozes, 1997.

COMBLIN, J. *Antropologia Cristã.* Petrópolis: Vozes, 1985.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-REGIONAL SUL 1. *O fenômeno Urbano: desafios para a pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL-REGIONAL SUL 1. REGIONAL SUL 1. *A coordenação de pastoral nos centros urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANCK, B. *Diccionario de la Nueva Era.* Estella: Verbo Divino, 1994.

JACOB, C. R. *Atlas da Filiação Religiosa*. São Paulo: Loyola, 2003.

HARVEY, C. *A cidade do homem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

KONINGS, Johan.*Teologia e pastoral: homenagem ao Pe. Libanio.* São Paulo: Loyola, 2002.

LIBANIO, J. B. *O que é pastoral*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LIBANIO, J. B. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIBANIO, J.B. *Igreja Contemporânea: encontro com a modernidade*. São Paulo: Loyola, 2000.

MATHEU V. *Cultura,* in Enciclopédia Filosófica, vol. 1. Florença: 1957

MENEZES DA SILVA, J.; FERNANDES MACHADO, G. B.(Orgs.). *Cidade, Igreja e Missão.* São Paulo, Paulinas, 2003.

MORIN. E. *Cultura de massas no século XX*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

MUMFORD, L. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

POCHMANN, M. *Atlas da Exclusão Social no Brasil.* São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira.* São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. *Ensaios sobre a urbanização latino-americana.* São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual.* Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Milton. *A pobreza urbana.* Coleção Estudos Urbanos. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. *As cidades nos países sub-desenvolvidos.* Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

SIMONETTI E. *Centros de prosperidade*. **Revista Veja**, nº 30, [jul.] 1999.

UNESCO. *Declaração sobre os auspícios. 1950*

VAZ, H. C. *Escritos de Filosofia III, filosofia e cultura.* São Paulo, Loyola, 1997.

TRASFERETTI, J.; LOPES GONÇALVES, P. S. (Orgs.). *Teologia na Pós-modernidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

Documentos Eclesiásticos

CELAM. *Conclusões de Medellín*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. *Conclusões de Puebla*.5ª.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CELAM. *Conclusões de Santo Domingo*. São Paulo: Loyola, 1993.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes*, ConstituiçãoPastoral. Petrópolis: Vozes, 1967.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, doc. 45. São Paulo: Paulinas, 1991.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, doc. 54. São Paulo: Paulinas, 1995.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil, doc. 71*. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missão e Ministérios dos cristãos leigos e leigas*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.*Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil*, doc. 61. São Paulo: Paulinas, 1999.

CONSELHO EPISCOPAL PERMANENTE – REGIONAL SUL 1. *Projeto de Ação Missionária Permanente – PAMP*. São Paulo: Paulus, 2002.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Novo Millennio Ineuente*.São Paulo: Paulinas, 2001.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1984.